
A mamoa da Charneca das Vinhas (Vila Velha de Ródão)¹

JOÃO CARLOS CANINAS*
FRANCISCO HENRIQUES*
JOÃO LUÍS CARDOSO**

R E S U M O

Em 2000–2001 foi efectuada a escavação arqueológica da mamoa da Charneca das Vinhas, por determinação do Instituto Português de Arqueologia, na sequência de um alerta lançado pela Associação de Estudos do Alto Tejo quanto ao risco da sua destruição por povoamento florestal. O monumento situa-se a 359 m de altitude, em posição sobranceira ao vale do Tejo, no bordo de um trecho da superfície culminante, em forma de mesa, da *Formação de Falagueira*, consistindo em arenitos e conglomerados do Placenciano-Gelasiano (Pliocénico). Esta formação assenta por discordância angular em rochas metamórficas argilificadas do Grupo das Beiras (Pré-Câmbrico e Câmbrico). A mamoa da Charneca das Vinhas é um pequeno *tumulus* com cerca de 11 m de diâmetro e menos de 1 m de altura. A escavação arqueológica revelou estrutura maioritariamente constituída por material areno-argiloso, capeada com uma couraça pétreia (metagrauvaques, filitos, quartzo e quartzito), dispondo de um anel de contenção periférica e tendo no interior uma câmara de planta indeterminada, de que restou um único esteio completo, e um provável corredor com trecho final subaéreo. O conjunto artefactual recolhido no decurso da intervenção, numeroso e diversificado do ponto de vista tipológico, ocupava maioritariamente a câmara, a parte final do corredor e a zona adjacente à entrada no monumento, voltada a SE. A cerâmica é o item mais representativo, logo seguida, em termos quantitativos, pelas pontas de seta, sendo estas exclusivamente de base côncava. A cerâmica, embora com larga repartição pelo espaço investigado, parece concentrar-se na câmara, enquanto os elementos de pedra lascada, sobretudo pontas de seta e lâminas/lamelas, dominam os sectores adjacentes à entrada do monumento. Os instrumentos de pedra polida, tal como as peças afeiçoadas (dormentes e moventes de mós manuais), estão escassamente representados e ocorrem sobretudo no exterior do monumento. Este espólio indica que o monumento foi construído no decurso do Calcolítico e evidencia comércio trans-regional principalmente com a região do Baixo Tejo, e Alto Alentejo, indicando que este território ocupou uma posição chave na rota do rio Tejo, entre a região da Estremadura, na parte ocidental da Península, e a parte sul da Meseta.

A B S T R A C T

In 2000–2001, archaeological excavations were carried out at the mound of Charneca das Vinhas, on the initiative of the Portuguese Archaeological Institute. The immediate motive was an alert issued by the Upper Tagus Study Association that the monument was

at risk of destruction due to afforestation schemes. The monument is located at an elevation of 359 m overlooking the Tagus valley, at the edge of a “mesa”-shaped Falagueira formation. This unit consists of sandstones and conglomerates (Pliocene) and overlies, by an angular discordance, the metamorphic basement that comprises the Beiras Group (Pre-Cambrian and Cambrian). Charneca das Vinhas is a small monument of around 11 m in diameter and less than 1 m high. The archaeological excavation revealed a *tumulus* constructed mostly in clay- sand material, topped with a carapace of metagreywackes, phyllites, quartz and quartzite boulders and cobbles, a peripheral contention ring and an inner chamber of indeterminate ground plan, of which the only thing that remains is a single complete standing stone and what is probably a passage with its final stretch in the open air. The artefacts collected during the intervention, which were numerous and diverse in type, were found mainly in the chamber, at the end part of the corridor and in the area adjacent to the entrance, facing southeast. Ceramic objects were most prevalent, followed (in quantitative terms) by arrowheads, which were exclusively concave-based. The ceramics, though scattered widely over the excavated area, seem to have been concentrated in the chamber, while the flake stone tools, particularly arrowheads and other blades, were found predominantly in the sectors adjacent to the entrance. Stone tools are scarce and occur mostly outside the monument. These remains suggest that this monument was built in the Chalcolithic. Moreover, it also provides evidence of transregional commerce mostly with the Lower Tagus river region, and Upper Alentejo, further indicating that this territory occupied a key position in the river route of the Tagus, linking the Estremadura region, in the western part of the Peninsula, with the South Meseta region.

Introdução

A mamoa da Charneca das Canas foi identificada em 1984, no decurso da prospecção arqueológica da freguesia de Fratel, área que corresponde à parte mais ocidental do município de Vila Velha de Ródão, tendo sido referenciada com o topónimo *Pequenos de Vilar de Boi* (Henriques & alii, 1986), passando a designar-se mais tarde com o nome *Charneca das Vinhas*. Nessa época a sua visualização era muito deficiente devido à densa cobertura arbustiva que cobria o monumento, a par do pinhal que ocupava o planalto onde fora construída.

Cerca de 15 anos mais tarde ocorreu um incêndio florestal em extensa área da citada freguesia tendo percorrido a Charneca das Vinhas (Fig. 1), expondo a totalidade do monumento bem como a sua área envolvente. Foi possível verificar que se tratava de um montículo bem destacado acima do solo, muito regular, mas com profunda cratera de violação, no espaço interno, onde teria existido o contentor funerário, estando igualmente rasgado na direcção nascente, em posição compatível com o desenvolvimento de um corredor.

Apesar da degradação patente no espaço funerário, no qual não se observavam ortóstatos, a estrutura monticular apresentava bom estado de conservação, pelo que se temeu que o repovoamento florestal da área, onde decorriam operações de corte de madeira ardida, pudesse destruir o *tumulus*. Deste modo, foi alertada a Câmara Municipal para o risco referido, bem como o Instituto Português de Arqueologia. Determinou este organismo de tutela que deveria ser efectuada uma escavação arqueológica, para caracterização do monumento, por entender “*ser manifestamente insuficiente qualquer medida de protecção que não passe pela prévia escavação arqueológica, com carácter de emergência.*”

A intervenção arqueológica ali efectuada, cujos resultados só agora se apresentam, foi autorizada em nome do primeiro dos signatários (João Caninas) que a assegurou, juntamente com Fran-



Fig. 1 Vista da Charneca das Vinhas, de sul para norte, após incêndio florestal. Atrás, observa-se a Serra das Talhadas.

cisco Henriques e João Luís Cardoso (este último apenas na fase inicial da mesma), e decorreu, de modo descontínuo, de Abril de 2000 a Novembro de 2001. Os desenhos de campo relativos às plantas são de Bernardo L. Ferreira. As fotografias foram tiradas por João Caninas e Francisco Henriques. O estudo dos materiais é da responsabilidade de João Luís Cardoso, exceptuando o artefacto de cunho ritual, sendo os respectivos desenhos da autoria de Bernardo L. Ferreira. Os trabalhos de escavação contaram com a participação dos senhores Amílcar Dias Gonçalves e João Martinho Nifra, de Vila Velha de Ródão, e de alunos da Universidade Aberta e da Universidade Autónoma de Lisboa.

Os trabalhos, desenvolvidos no quadro das actividades da Associação de Estudos do Alto Tejo e integrados no projecto de investigação *Pré-História Recente na Margem Direita do Alto Tejo Português*, foram viabilizados com o apoio financeiro e o apoio logístico da Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão e do Instituto Português de Arqueologia, por decisão do seu presidente e do subdirector, respectivamente, Eng.º Vítor Carmona e Eng.º António Monge Soares, a quem se agradece.

1. Localização e enquadramento geomorfológico

A Charneca das Vinhas localiza-se no interior de um extenso enclave de configuração subtriangular, fechado por duas depressões fluviais, o rio Tejo, no lado SE, e o rio Ocreza, no lado W, e um relevo quartzítico a NE, a Serra das Talhadas (Fig. 2). Este território é sobranceiro à fase terminal de encaixe do rio Tejo no maciço antigo, que a algumas dezenas de quilómetros a jusante passa a ocupar um amplo vale aluvial (Cunha & *alii*, 2005, 2008).

O monumento situa-se no bordo sul da mais setentrional plataforma detrítica de topo aplanado, em forma de *mesa*, existente no interior daquele território, a uma altitude de 359 m. Além

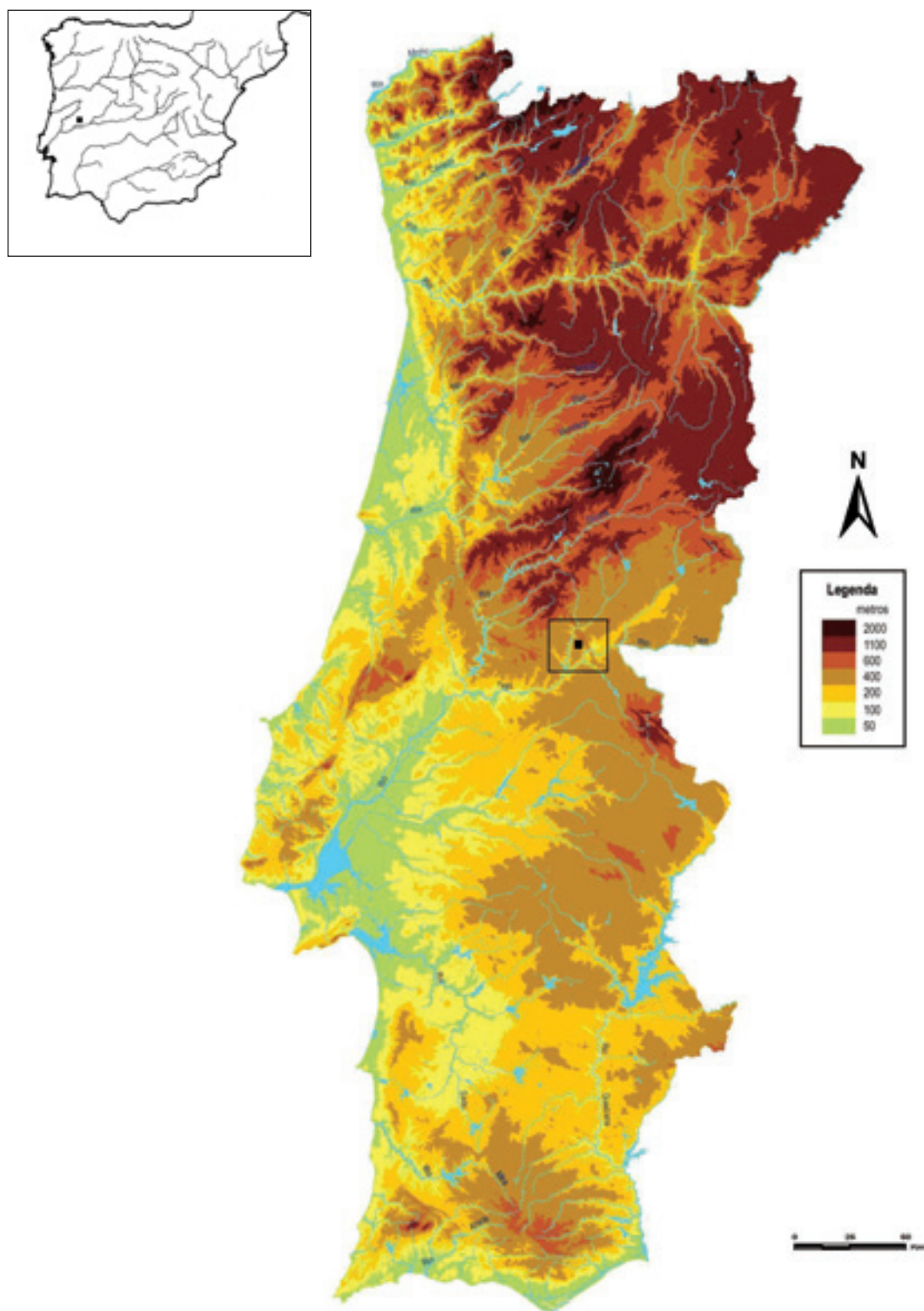


Fig. 2 Localização do monumento na Península Ibérica e em Carta Hipsométrica de Portugal Continental (seg. Atlas do Ambiente).

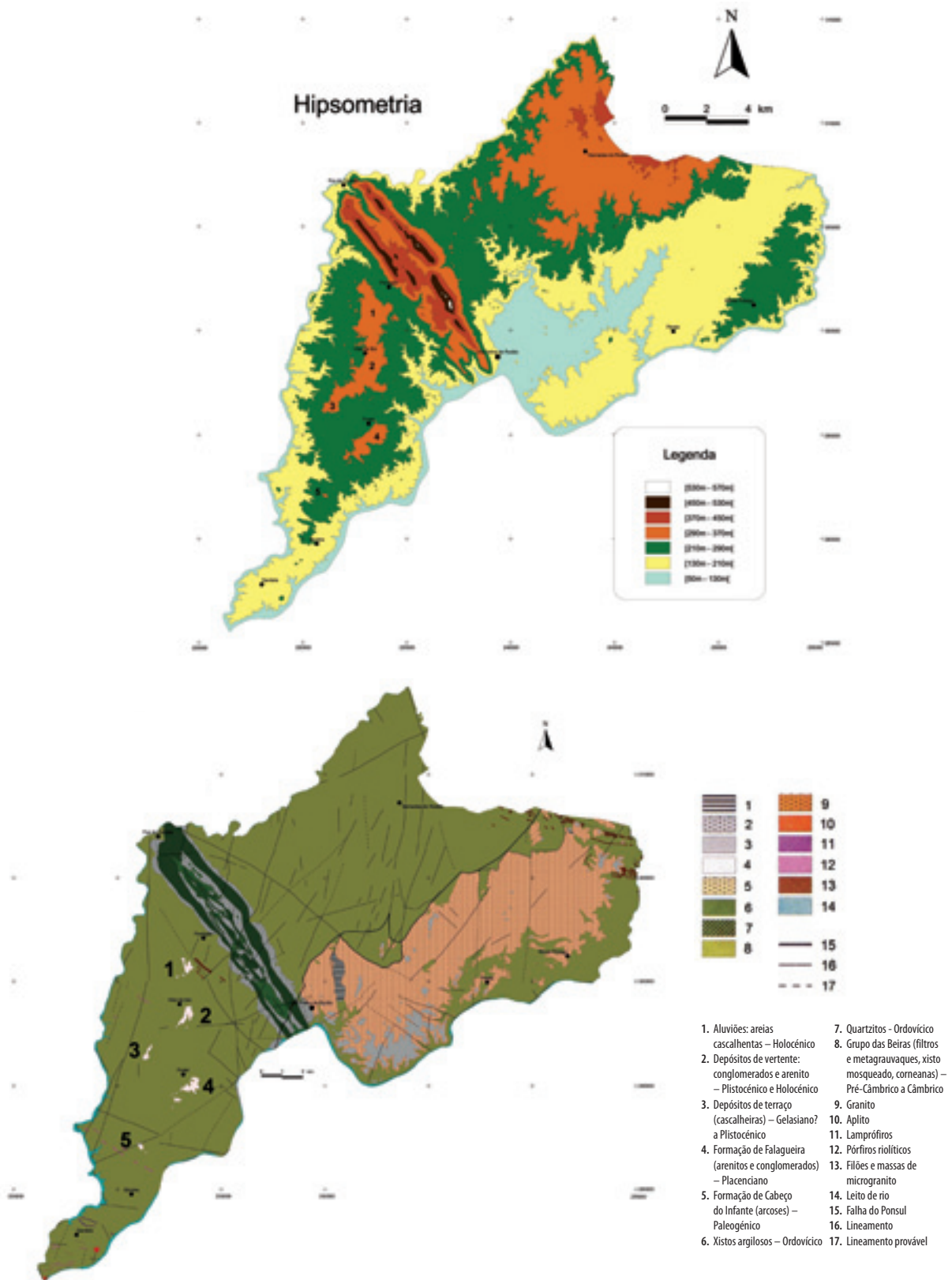


Fig. 3 Carta Hipsométrica e Carta Geológica (modificada) do concelho de Vila Velha de Ródão, seg. Carvalho & alii, 2006. Assinalam-se as posições (primeiro mapa) e os contornos (segundo mapa) dos retalhos da Formação de Falagueira: Charneca das Vinhas (1), Charneca de Vilar de Boi (2), Charneca do Janome (3), Charneca de Fratel (4) e Cabeço da Velha (5).

desta formação refira-se a existência de mais quatro áreas de idêntica natureza (geológica e morfológica), sendo também pontos culminantes do território de Fratel, excluindo a crista quartzítica. Estas quatro áreas, a Charneca de Vilar de Boi, a Charneca de Fratel, a Charneca de Janome e o Cabeço da Velha, oferecem, identicamente, vestígios arqueológicos pré-históricos (Henriques, Caninas & Chambino, 2008; Cardoso & *alii*, 1998; Soares, 1988), tanto ao nível do *habitat* como das arquitecturas funerárias (mamoas).

A designação como *charnecas* das quatro plataformas de maior extensão, entre as quais se inclui a das Vinhas, pode derivar, segundo o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, da natureza do substrato geológico, uso do solo e vegetação associada, “*vegetação xerófila que cresce nas regiões incultas e arenosas*”.

Quanto à inserção geológica (Fig. 3) o monumento situa-se sobre retalho da *Formação de Falagueira*, consistindo em arenitos e conglomerados do Pliocénico (Cunha & *alii*, 2005; Cunha, 1996); esta formação assenta em discordância angular sobre o substrato metamórfico do Grupo das Beiras (Pré-Câmbrico e Câmbrico) (Carvalho & *alii*, 2006). O topo da Charneca das Vinhas, do ponto de vista geomorfológico, conserva a superfície culminante de enchimento sedimentar. As cinco *charnecas* referidas, incluindo a das Vinhas, correspondem aos cinco únicos retalhos (Fig. 3), ou relevos residuais, da Formação de Falagueira que se conservam no território rodanense.

A mamoa da Charneca das Vinhas corresponde ao registo n.º 12445 (CNS) da base de dados de sítios arqueológicos do Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico (IGESPAR) e está inscrita no Plano Director Municipal de Vila Velha de Ródão. A povoação mais próxima é a aldeia de Marmelal, localizada cerca de 1 km a NW do monumento. Quanto à microtoponímia, inscrita no cadastro rural em planta à escala 1:2000, os nomes mais próximos do monumento são *Barroca dos Pecados*, a NE, e *Corga*, a SE. A algumas dezenas de metros a W passava um antigo caminho de carroças que descia do planalto para os terrenos mais baixos da área envolvente, junto do qual existia um velho cruzeiro. Um dos três proprietários dos terrenos que se confrontam sobre o monumento informou que as últimas sementeiras de *pão* tiveram lugar entre os anos 40 e 50 do século XX, após o que estes terrenos deixaram de ter uso agrícola e foram colonizados por pinheiros.

2. A intervenção arqueológica

A intervenção arqueológica visou caracterizar a estrutura do monumento funerário e do montículo que o envolvia, e recuperar o património móvel associado aos rituais mortuários que ali tiveram lugar. Tal intervenção consistiu numa escavação parcial do monumento, de forma ampla na que se supunha ser o espaço funerário e respectivo corredor, sendo limitada, tanto em área como em profundidade, nos restantes sectores (mamoa e espaço envolvente). A amplitude da escavação foi condicionada pelos recursos financeiros disponíveis.

2.1. Sequência dos trabalhos e resultados obtidos

O terreno apresentava-se sem vegetação, à excepção de vários troncos de pinheiros ardidos (Fig. 4), pelo que, após uma rápida limpeza do terreno, e em concordância com a geometria circular deste tipo de construções, os trabalhos iniciaram-se com a implantação de um sistema de referência baseado em dois eixos ortogonais passando pelo centro geométrico do montículo, ficando um dos eixos alinhado com o alongamento da cratera de violação, sensivelmente na direcção W-E (Fig. 5). A partir destes eixos definiu-se uma área de trabalho quadrangular, com 20 m de lado.



Fig. 4 Aspecto do monumento no início dos trabalhos, visto de NW.



Fig. 5 Aspecto da cratera de violação no início dos trabalhos. Observa-se o alinhamento W-E.

Fez-se seguidamente o levantamento microtopográfico da área de trabalho com base numa malha de 1 m². O resultado obtido, que se apresenta na Fig. 6, em planta (equidistância entre curvas de nível de 5 cm) e em perspectiva, evidencia mamoa com cerca de 11 m de diâmetro e menos de 1 m de altura. Este registo também destacou dois aspectos que eram de certa forma patentes por observação directa: a regularidade (circularidade) do monumento e a presença de dois montículos sobre o coroamento da cavidade central, no lado norte e no lado sul, que interpretámos como acumulações resultantes da violação do contentor funerário.

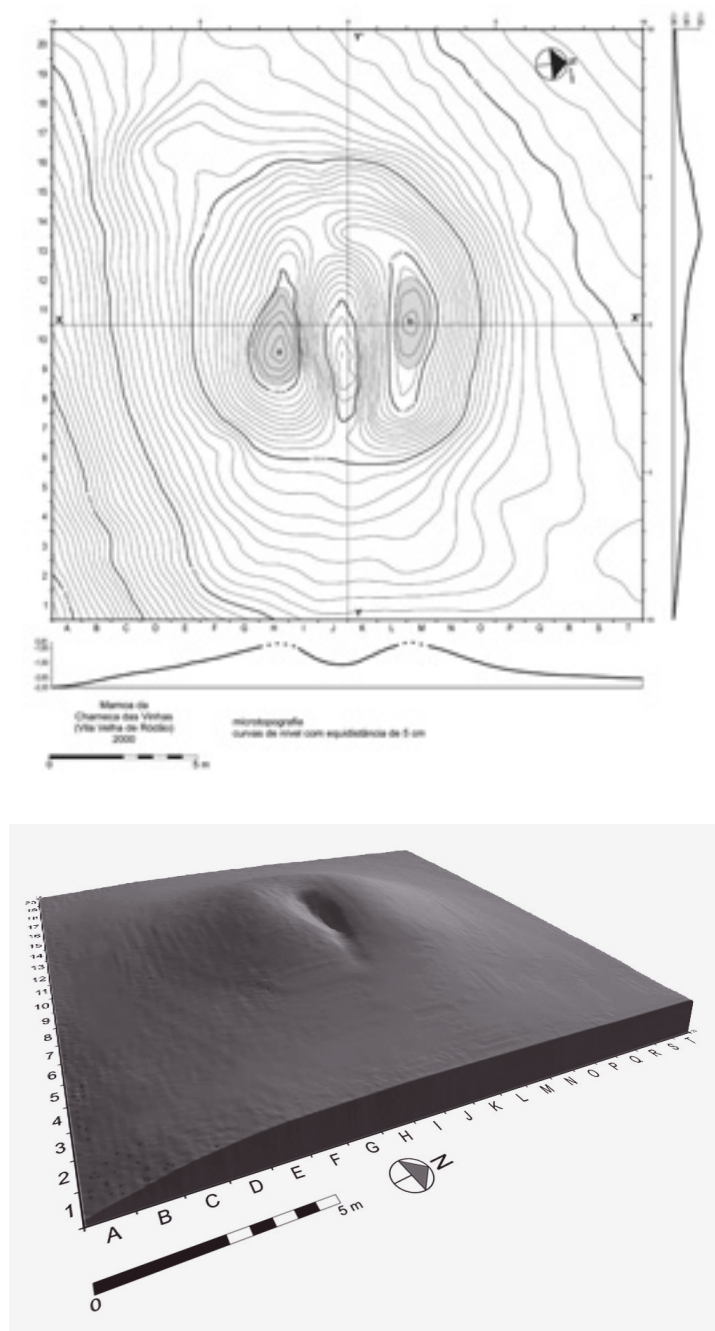


Fig. 6 Microtopografia da mamoa em planta e vista em perspectiva (edição gráfica de B. Ferreira sobre trabalho de campo de J. Caninas e F. Henriques).

A circularidade do *tumulus* era um dado significativo tendo em conta a posição topográfica deste no bordo do planalto (a maior pendente ocorre para sul e SE) e, portanto, numa zona mais sujeita a processos erosivos por gravidade. A regularidade do montículo indicava por outro lado que a antropização do terreno, até ao presente, não fora severa ao ponto de ter contribuído, cumulativamente com os factores erosivos naturais, para a sua deformação.

A intervenção arqueológica, enquadrada na referida divisão da área de trabalho em quadrantes (NW, NE, SW e SE), consistiu em sucessivas acções de decapagem em área e de escavação até à base do monumento, na parte interna deste, na sua estrutura envolvente (*tumulus*) e na zona frontal situada a nascente. A Fig. 7 documenta o limite da área intervencionada (mancha cinzenta) e a planta final da escavação.

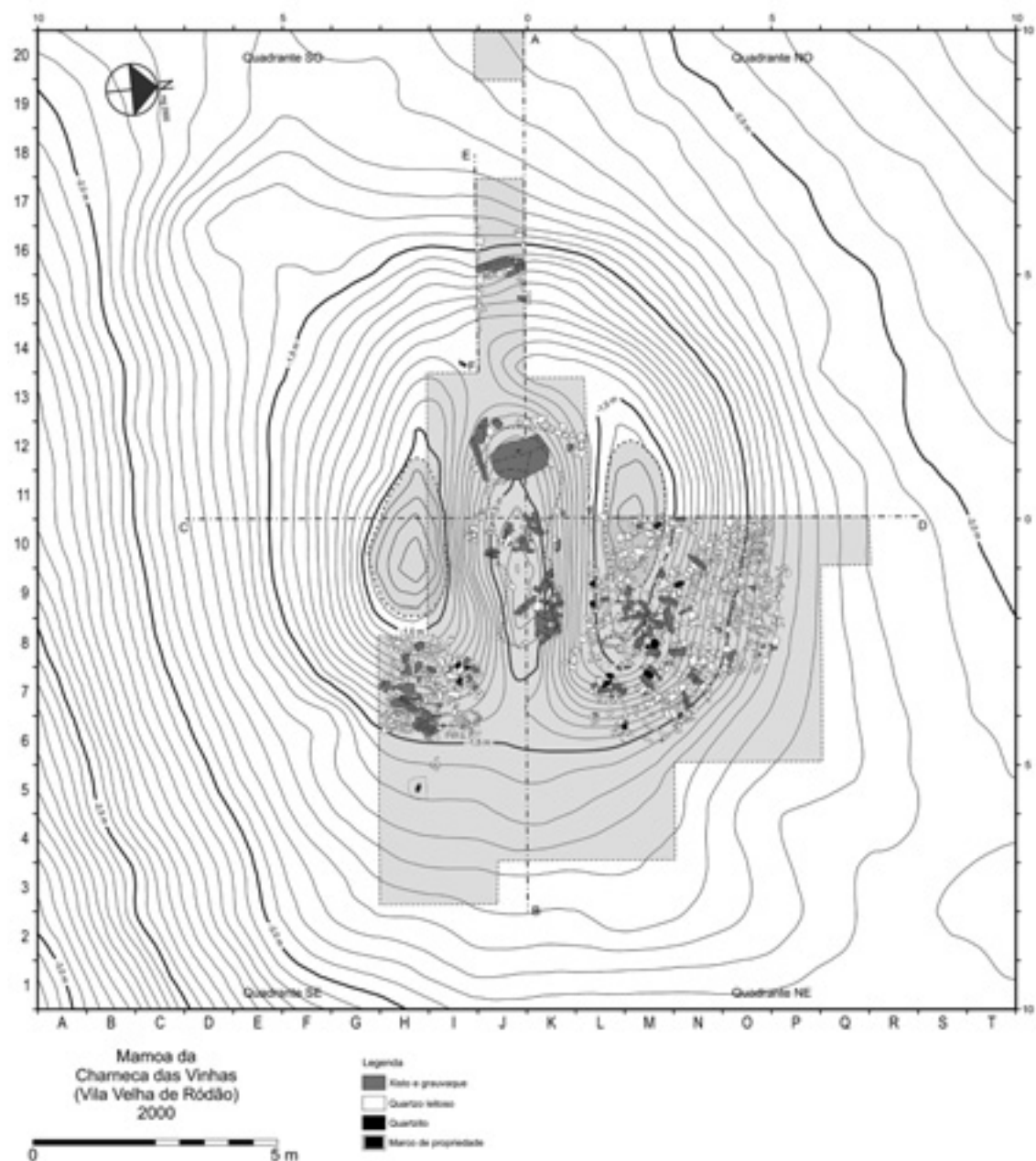


Fig. 7 Planta da fase final da escavação arqueológica.

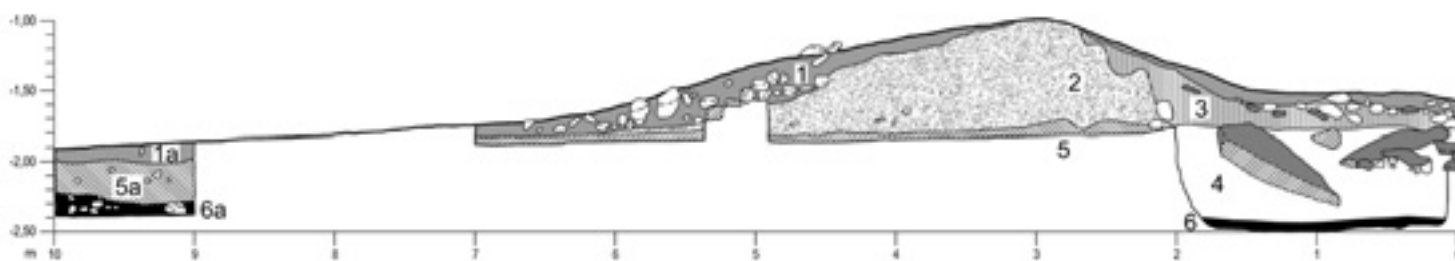


Fig. 8 Alçado do corte longitudinal AB (W - E). 1 - unidade sedimentar, superficial e unidade estrutural (coureça pétrea); 2 - unidade estrutural (mamoa); 3 - unidade sedimentar resultante da degradação da unidade 2 (posterior à violação); 4 - área de violação da cavidade funerária e elementos estruturais; 5 e 6 - unidades geológicas.

Os trabalhos de escavação começaram por incidir na cavidade central, em sector correspondente ao quadrante SW (quadrículas I11, I12, I13, J11, J12 e J13), e foram direccionados para a identificação do contorno da estrutura funerária. Foram prolongados para E no alinhamento do hipotético corredor, no quadrante SE (I8, I9, I10, J6, J7, J8, J9 e J10), e para W com a abertura de uma sanja (J14, J15, J16, J17) de atravessamento da mamoa (Fig. 8).

Antes da expansão da escavação ao coroamento da mamoa, no lado sul, fez-se o desmonte do amontoado existente no seu topo (posição *a* na Fig. 6, área centrada nas quadrículas H9, H10 e H11) pela suspeita de poder conter artefactos removidos do interior da câmara funerária, aquando da violação, hipótese que se confirmou com resultados de muito interesse, que analisaremos mais à frente. A posição daquele amontoado sugere que o violador poderia estar a actuar na parte mais oriental do contentor funerário (ou na zona de transição da câmara para o corredor), de costas voltadas para a entrada, caso fosse destro.

Os trabalhos revelaram uma acumulação de seixos e de blocos de quartzo e de quartzito na parte central da cavidade, provenientes, por queda, de um coroamento pétreo, que seria documentado mais tarde, e diversos blocos de xisto ou metagrauvaque que poderiam ser interpretados como correspondendo à incipiente estrutura de contrafortagem dos ortóstatos delimitadores da câmara, ou fragmentos destes, dado que, pelas suas dimensões, não poderiam ser considerados como tal.

O prolongamento dos trabalhos com a decapagem da sanja voltada a W revelou a presença de uma coureça pétrea (em J15 e J16) constituída por blocos de quartzo leitoso e de quartzito num nível superficial da mamoa (Fig. 9), realidade que teria idêntica representação noutros sectores atingidos em fases seguintes de escavação.

O afundamento desta sanja até à base do *tumulus* revelaria outras características da sua estrutura. De facto, verificou-se que o *núcleo duro* do *tumulus* fora construído essencialmente com sedimento areno-argiloso compacto da Formação de Falagueira, colectável na encosta da Charneca, que terá contribuído para a sua durabilidade e resistência. Deste modo, poderia concluir-se que o monumento era, essencialmente, uma mamoa de *terra*.

Na base do *tumulus*, numa posição recuada em relação ao limite da coureça pétrea, identificou-se um alinhamento de blocos de xisto (Fig. 10), com desenvolvimento perimetral, configurando um anel lítico (posicionado na transição de J15 para J16). Tendo em atenção a sua posição recuada em relação ao limite da coureça e ao que seria o limite da mamoa após a construção, e à posição deprimida no interior do *tumulus*, sem possibilidade de se evidenciar no seu exterior, embora subjacente à coureça pétrea, podemos considerar esta estrutura como formando um anel de contenção, embora não marcasse o seu limite exterior. Tal estrutura basal poderá corresponder

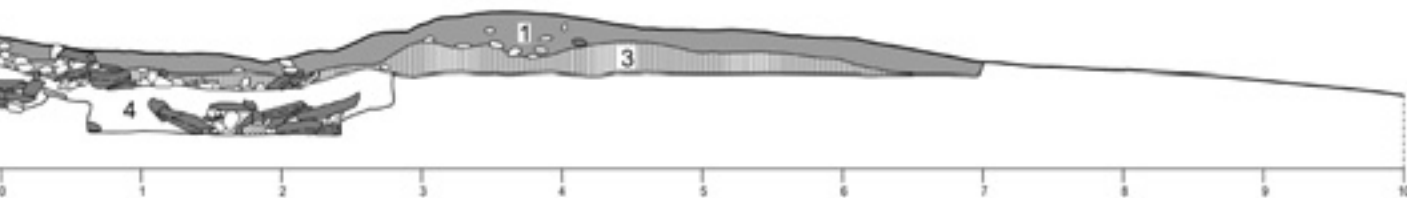


Fig. 9 Vista da fase inicial dos trabalhos, nos quadrantes SW e SE.



Fig. 10 Couraça pétrea da mamoa evidenciada pela decapagem da sanja orientada a W.

tando revolvimento. Os blocos de metagrauvaque ali presentes indicavam um vazio correspondente ao espaço funerário, alterado pela violação, e ao qual teriam sido retirados os ortóstatos. Por outro lado, os elementos de quartzo e de quartzito poderiam resultar, predominantemente, da desagregação e colapso da couraça para o interior do monumento. Aliás, a rarefacção da couraça sobre o coroamento da mamoa era compatível com essa explicação.

Nivelado o plano de escavação, a presença de um sedimento mais compacto, de matriz argilosa, sugeria que pudéssemos estar no nível do piso do contentor funerário. Porém, entendeu-se prosseguir a escavação em profundidade tendo-se verificado que tal depósito era de pequena espes-

a uma fase inicial da construção do *tumulus* materializando a marcação geométrica da mamoa.

Passou-se ao desmorte do amontoado situado no coroamento da mamoa, no lado Norte (posição *b* na Fig. 6). A remoção destes sedimentos, provenientes da violação, revelou alguns materiais embora em menor quantidade do que os recolhidos no amontoado situado no lado sul.

Após a execução do desenho correspondente ao corte longitudinal com orientação W-E, prolongou-se a escavação da cratera de violação para os quadrantes NW e NE (quadrículas de K6 a K13), em simetria com o que fora efectuado no lado sul. A escavação atingiu a zona perturbada pela violação e incidiu também na estrutura da mamoa. Os resultados são idênticos aos observados no lado sul. O enchimento deste sector continuou a ser constituído por materiais de construção consistindo em lajes de xisto ou metagrauvaque e blocos de quartzo e quartzito, embalados em terra solta com forte componente orgânica, anegrada, ocorrendo igualmente materiais arqueológicos diversificados, deno-

sura e que corresponderia, depois da última violação, ao aluimento dos taludes laterais, potenciado talvez pela pluviosidade, processo que terá gerado um falso chão. De facto, removida essa camada, verificou-se que a violação ultrapassou o fundo da cavidade funerária até um nível inferior ao do terreno, no exterior do monumento, atingindo uma camada de cascalheira, com material grosseiro muito solto, sobre o topo da qual o monumento fora construído.

O aprofundamento da escavação na área central repartiu-se pelos quatro quadrantes e permitiu conhecer melhor o contorno da estrutura funerária, embora não tenha sido possível documentar a posição dos alvéolos de implantação dos respectivos esteios, requisito necessário à determinação da sua tipologia arquitectónica. A confirmar a hipótese de ter havido uma câmara de tipo dolménico, foi posto à vista um ortóstato completo (Fig. 11), com 138 cm de comprimento, por 80 cm de largura e 16 cm de espessura. Estava tombado para Norte, inclinado sobre a cavidade de violação. Além da posição, a observação das suas extremidades permite-nos afirmar que faria parte do contorno sul da câmara dolménica. De facto o topo inclinado para norte apresentava lascamentos compatíveis com a degradação a que ficam sujeitos os topos superiores devido à pressão da cobertura e principalmente, após o desaparecimento desta, em consequência da exposição aos agentes atmosféricos.

O fundo da cratera de violação apresentava-se juncado de fragmentos de xisto-metagrauvaque e de blocos de quartzo, tal como fora observado no decurso das decapagens antecedentes. Este padrão de distribuição de material, resultante de sucessivos aluimentos e violação, permite-nos concluir que o contentor funerário seria constituído, muito provavelmente, por uma câmara e um corredor com um comprimento total de pelo menos 4,5 m, o corredor sendo relativamente curto. Não temos indícios que o corredor se prolongasse até ao limite da mamoa, tal como este é assinalado pela posição da couraça pétrea, posta à vista nos quadrantes NE e SE. Tal facto autoriza a hipótese



Fig. 11 Vista de trecho do anel lítico intersectado pela escavação de sanja longitudinal.



Fig. 12 Esteio do contorno sul da câmara funerária, depois de reerguido da cavidade de violação onde estava tombado.

de ter existido um corredor intratumular, um espaço a céu aberto, entre o corredor e o limite exterior da mamoa, o qual coincide com uma concentração significativa de materiais arqueológicos.

A última fase dos trabalhos consistiu na escavação da zona frontal leste, imediatamente adjacente à mamoa (Fig. 12) e na decapagem da estrutura monticular, em área, nos quadrantes NE (Figs. 13 e 14) e SE. Esta decapagem foi executada com o intuito de documentar a representação da couraça pétrea já evidenciada noutros sectores. No quadrante NE, onde esta acção abrangeu uma área maior e mais representativa, verificou-se que tal estrutura de capeamento da mamoa se repartia de forma contínua, embora com irregularidades, desde o coroamento desta até ao seu limite exterior, comportando blocos de quartzo leitoso e de quartzito e diversas lajes de rocha local (filitos e metagrauvaques). Ofereceu escassos artefactos de interesse arqueológico.

A escavação da área adjacente ao monumento, do lado nascente, correspondendo ao espaço de ritualização exterior (átrio), não permitiu documentar nenhuma estrutura pétrea; no entanto, ofereceu quantidade apreciável de espólio arqueológico o qual se distribuía quase exclusivamente a sul do eixo longitudinal do monumento (eixo W-E). Uma das peças mais interessantes aqui encontrada é uma placa de xisto gravada cujos fragmentos se dispersavam por quatro posições, indicando as perturbações pós-deposicionais a que o terreno foi sujeito, devido à lavoura moderna, ou a sua remoção de eventual depósito existente no corredor intratumular. Contudo, a quantidade de espólio ali recolhido poderá indicar que a sua posição corresponda a rituais coevos da utilização deste monumento.

Importa referir as características gerais da estratigrafia (não se discriminam as suas subdivisões) observada no decurso da escavação arqueológica (Fig. 48), a qual resultou, fundamentalmente, das perturbações antrópicas a que o monumento foi sujeito e subsequente degradação natural.



Fig. 13 Fase de escavação da área frontal da entrada do monumento.



Fig. 15 Vista de trecho da couraça pétrea da mamoa (quadrante NE).

Fig. 14 Aspecto da couraça pétrea da mamoa em sanja aberta no quadrante NE.

A unidade 1 (sedimentar superficial), de textura solta, com forte incorporação de matéria orgânica, raízes e clastos, com cor castanha escura (10YR 3/4, *dark yellowish brown*, segundo Munsell Soil Color Charts, 2000) por vezes anegrada no topo, em resultado do incêndio florestal já referido, tem uma incidência superficial ocupando fundamentalmente o interior da cavidade de violação e as pendentes da mamoa bem como a zona envolvente. Este depósito estava ausente no coroamento da mamoa. A unidade 2 (unidade), é compacta, tem fraca incorporação de clastos, apresenta cor clara (2,5Y 7/4, *pale yellow*) e corresponde ao núcleo da mamoa. Deu origem, por desagregação, conforme foi referido anteriormente, à unidade 3 que colmatou o interior do monumento após violação. Assinalou-se como unidade estratigráfica 4 o espaço correspondente à violação do contentor funerário. A unidade 5 (basal) tem características de cascalheira, oferecendo areias grosseiras a calhaus, apresenta-se muito solta, com cor avermelhada (5YR 5/6, *yellowish red*), e corresponde ao substrato (solo/subsolo) onde assentou a construção do monumento.

As características patentes nas unidades 1, 2, 5 e 6 (e em 1a, 5a e 6a na sondagem de controlo) podem correlacionar-se com a estratigrafia natural observada no corte de um areeiro existente na Charneca de Vilar de Boi (Cunha, 1992, 1996), e que está documentado na Fig. 16. Naquele corte, a camada superficial, de reduzida espessura, é idêntica às unidades 1 e 1a da escavação. Segue-se camada (A), de dimensão métrica, correspondente a cascalheira de quartzito de matriz arenosa (seg. indicação do sedimentólogo P. Cunha – Univ. Coimbra), que se correlaciona com as duas unidades geológicas (5 e 6) subjacentes ao monumento (5a e 6a na sondagem de controlo). Finalmente, sobrejacente aos filitos e metagrauvaques do Grupo das Beiras, encontra-se uma arcose grosseira, cascalhenta (seg. P. Cunha), com vários metros de espessura (B). Este depósito terá sido utilizado na construção na mamoa (formando a camada 2), por extracção directa dos taludes da Charneca das Canas onde aflora em consequência da erosão do nível de cascalheira (A) que se lhe sobrepõe, que é menos espesso e tem menor coesão do que o depósito subjacente (B).

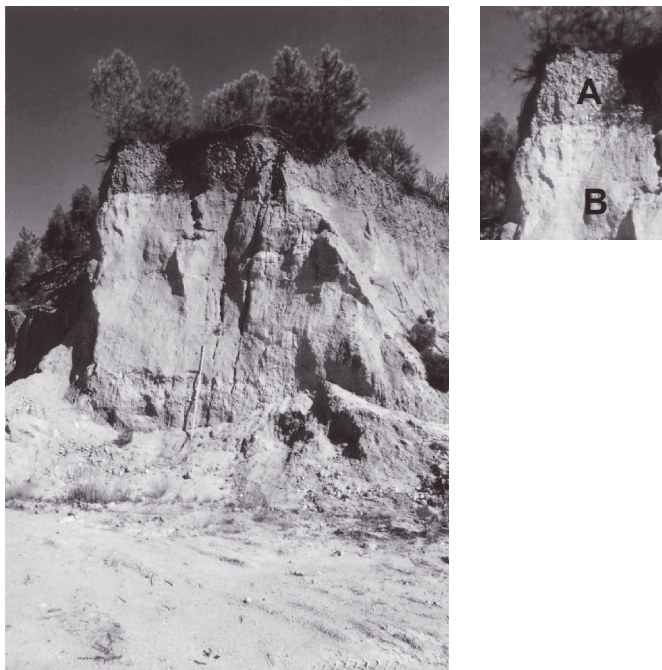


Fig. 16 Corte provocado por extracção de inertes na Charneca de Vilar de Boi expondo a estratigrafia da Formação de Falagueira (Pliocénico Superior).

2.2. Considerações gerais

A mamoa da Charneca das Vinhas tem características comuns a monumentos de idêntica funcionalidade situados em zonas planálticas, como ocorre sobretudo no Centro e Norte de Portugal, onde as estruturas monticulares se conservam melhor devido à ausência ou à reduzida incidência das lavouras. Contudo, os paralelos mais próximos encontram-se no território de Fratel, onde exis-

tem outras mamoas em posição topográfica semelhante, ou seja, no bordo de *mesas* detriticas. É o caso da mamoa da Charneca da Canas (local também conhecido como Sobreiro-da-cor-da-terra) que foi escavada por Fernando Augusto Pereira da Silva (Silva, 1991). Estas duas mamoas são os únicos monumentos funerários, da Pré-História Recente, que foram sujeitos a escavação arqueológica naquele território.

Os dados obtidos com a intervenção efectuada na mamoa da Charneca das Vinhas indicam tratar-se de uma estrutura maioritariamente construída em material areno-argiloso, capeada com uma couraça pétrea e possuindo no interior uma câmara de planta indeterminada, de que nos chegou um único esteio completo, e um provável corredor com trecho final subaéreo. A ausência de outros esteios completos pode explicar-se pelo saque de pedra destinada à produção de marcos para delimitação das propriedades existentes no topo e nas encostas do planalto onde o monumento foi erigido. No caso em apreço, a área da mamoa encontra-se repartida entre três diferentes proprietários, estando os limites entre aqueles assinalados na planta da escavação por dois marcos.

O escavador da mamoa da Charneca da Canas (Silva, 1991) foi confrontado com idêntico problema de interpretação da estruturação do espaço funerário. Contudo, e apesar da destruição a que naquela sepultura o espaço funerário foi sujeito, do qual terá restado um esteio e dois fragmentos de outros, admitiu que poderia tratar-se de uma câmara poligonal sem corredor. Quanto à estrutura envolvente, os monumentos são semelhantes, sendo essencialmente construídos com “terra”, atendendo à representação volumétrica deste material, capeada com blocos de quartzo e quartzito, e dispendo ainda de um anel de contenção periférico e de estrutura de contrafortagem de que encontrámos também vestígios na Charneca das Vinhas.

O conjunto artefactual recolhido no monumento da Charneca das Vinhas, muito coerente, numeroso e diversificado do ponto de vista tipológico, além de nos indicar um horizonte cronológico-cultural concreto, que é o mesmo da mamoa da Charneca da Canas, deu-nos indicações úteis para compreender a organização do espaço ritual, apesar das perturbações a que este foi sujeito.

Os materiais arqueológicos, conforme se pode observar na Fig. 17, ocupam maioritariamente a câmara e a parte final do corredor e zona adjacente à entrada no monumento, voltada a SE. A assimetria da sua distribuição na terceira posição indicada está documentada noutras sepulturas, sendo referido por Domingos Cruz (2001) o descentramento do átrio em relação ao eixo maior do corredor. Para além destas posições recolheram-se algumas peças sobre o coroamento da mamoa, sendo provenientes da violação do contentor funerário. A desmontagem da estrutura monticular na sanja ocidental proporcionou a recolha de alguns artefactos na base da mamoa em nível que coincide com o topo da unidade 5, que poderemos relacionar, eventualmente, com cerimónia preparatória da sua construção ou com a existência de um nível de *habitat* precedente tal como sugerido por Fernando Silva na mamoa da Charneca da Canas (Silva, 1991). São escassos os materiais obtidos no decurso da decapagem da mamoa, executada em área, nos quadrantes orientais. As peças posicionadas fora da área escavada foram recolhidas à superfície (n.ºs 2, 6, 8, 10, 12, 13 e 59 na Fig. 17).

Contudo, permanece menos clara a configuração (estrutural) de um eventual espaço de ritualidade exterior ao monumento, sugerido pela concentração de espólio na sua adjacência no lado SE. Os resultados da escavação indicam, por outro lado, que teria havido um corredor, a céu aberto, na parte terminal, até ao limite da mamoa (corredor intratumular: Cruz, 2001). Mas, mais uma vez, e exceptuando a presença de artefactos neste espaço, não se encontraram indícios estruturais do mesmo. No decurso de projecto de investigação do Megalitismo do Tejo Internacional documentou-se uma estrutura deste tipo associada a dólmen (Amieiro 3) com câmara e corredor bem diferenciados (Cardoso, Caninas & Henriques, 2003).

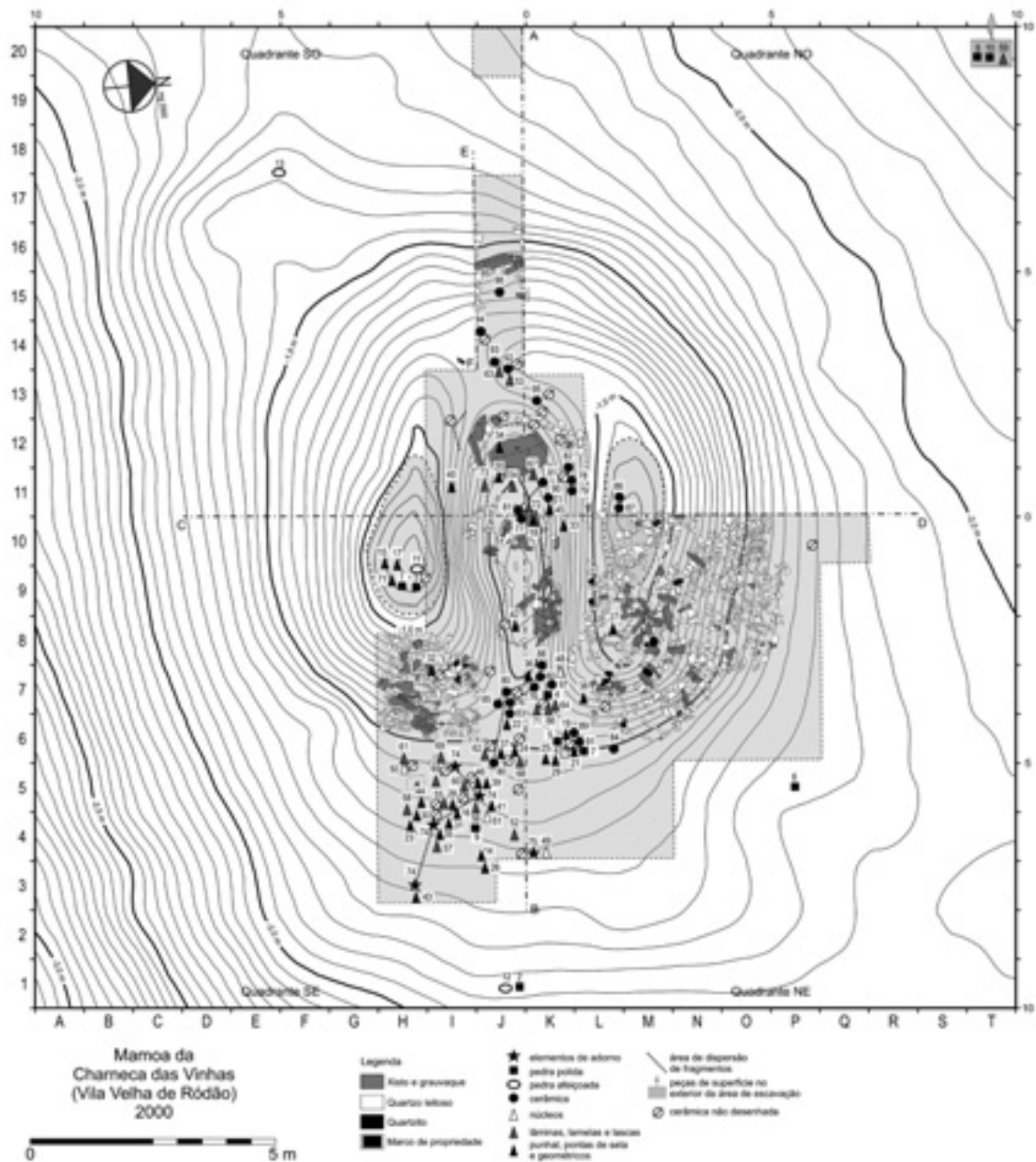


Fig. 17 Distribuição dos materiais arqueológicos (peças desenhadas e fragmentos cerâmicos não desenhados) sobre planta do final da escavação.

Na Charneca das Vinhas e ao contrário do que é comum em sepulturas deste tipo não se documentaram vestígios de estruturas de delimitação ou de “condenação” tanto do corredor como do suposto átrio. A presença de deposições rituais fora do perímetro da mamoa ou em espaço não “condenado” pode documentar-se para montante, no dólmen de Lagunita III (Bueno, Barroso & Balbín, 2008), situado na região do Tejo Internacional. Ali, foi expressivamente documentado, em espaço a céu aberto (átrio), um depósito numeroso, constituído principalmente por recipientes cerâmicos, pontas de seta, instrumentos de pedra polida e até placa de xisto.

Quanto ao espólio recolhido (Fig. 17), a cerâmica é o item mais representativo, logo seguida, em termos quantitativos, das pontas de seta, sendo estas exclusivamente de base côncava. A cerâ-

mica, embora com larga repartição pelo espaço investigado, incluindo o nível subjacente ao *tumulus*, parece concentrar-se na câmara. Apresenta-se sob a forma de fragmentos, só tendo sido possível formar um vaso quase completo.

Em contrapartida, os elementos de pedra lascada, sobretudo pontas de seta e lâminas/lamelas, dominam os sectores adjacentes à entrada do monumento. Os instrumentos de pedra polida estão escassamente representados e ocorrem sobretudo no exterior do monumento, não sendo de excluir a possibilidade deste tipo artefactual ter sido mais numeroso e de se ter verificado o saque destas peças, no decurso das violações. As peças afeiçoadas também apresentam baixa representação.

Curiosamente, os raros elementos de adorno (uma conta de colar) e simbólicos (uma placa de xisto gravada) que integram o espólio funerário foram recolhidos na área adjacente à entrada, quando seria expectável que estivessem no interior do monumento, associados a um cadáver.

Foi possível fazer algumas colagens que permitiram reconstituir, parcialmente, algumas peças, nomeadamente três recipientes cerâmicos (Fig. 17, n.º 76, 80 e 81) e uma placa de xisto gravada (Fig. 17, n.º 74). Tal circunstância proporcionou indicações úteis quanto à amplitude das perturbações, antrópicas e eventualmente bióticas, provocadas nos espaços rituais. O afastamento máximo entre fragmentos da mesma peça é superior a 2 m no caso da placa de xisto (n.º 74) e de 2 m no caso de um recipiente cerâmico (n.º 80).

3. Materiais recolhidos no decurso da escavação

Foi referido anteriormente o modo como os materiais se distribuem pelo monumento, conforme documentado na Fig. 17. Sobre a planta correspondente à fase final da escavação assinalaram-se as posições da maioria dos artefactos recolhidos no decurso da intervenção arqueológica, discriminados por classes tipológicas identificadas com diferentes ícones. Os números associados a ícones identificam as peças que estão desenhadas nas Figs. 18 a 29. As peças não numeradas correspondem exclusivamente a fragmentos cerâmicos não desenhados.

Como foi referido, as peças assinaladas sobre o coroamento da mamoa (n.ºs 1, 3, 11, 15, 17, 71, 86 e 87, na Fig. 17) terão sido mobilizadas pelos violadores a partir da câmara, pelo que deverão ser entendidas como pertencendo àquele espaço.

3.1. Pedra polida

Os materiais de pedra polida possuem invariavelmente forte alteração química superficial, em resultado da acidez dos terrenos: sendo executados em anfíbolos, de coloração cinzento-esverdeada, são observáveis em diversos casos vacúolos, resultantes da dissolução dos cristais de anfíbola, que são elementos principais destas rochas, tornadas assim mais moles e mais frágeis. Em resultado da intensidade deste fenómeno, as superfícies, outrora lisas, apresentam-se ásperas e rugosas, com obliteração frequente dos gumes.

Tendo presente a diferenciação usualmente seguida entre machados e enxós, com base na assimetria do bisel terminal, e acessoriamente, no arqueamento do corpo das próprias lâminas líticas, verifica-se que a quase totalidade dos exemplares classificáveis corresponde à definição de enxó (Fig. 18, n.ºs 2 a 4; Fig. 20, n.ºs 9 e 10). Exceptuam-se o exemplar da Fig. 18, n.º 1, cujo gume, além de possuir secção aproximadamente simétrica, se desenvolve obliquamente ao eixo longitudinal da peça,

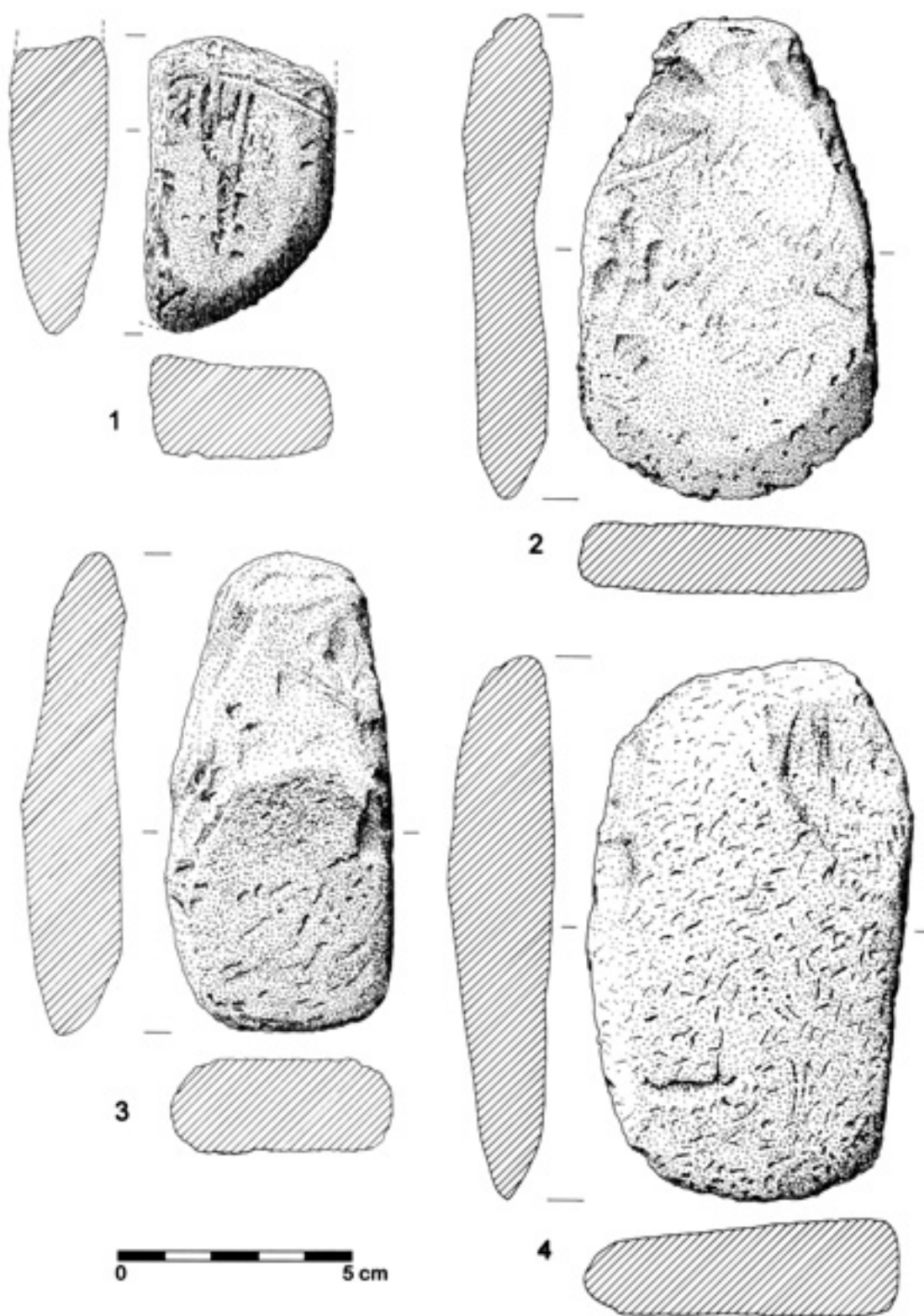


Fig. 18 Pedra polida. Peças n.ºs 1 a 4.

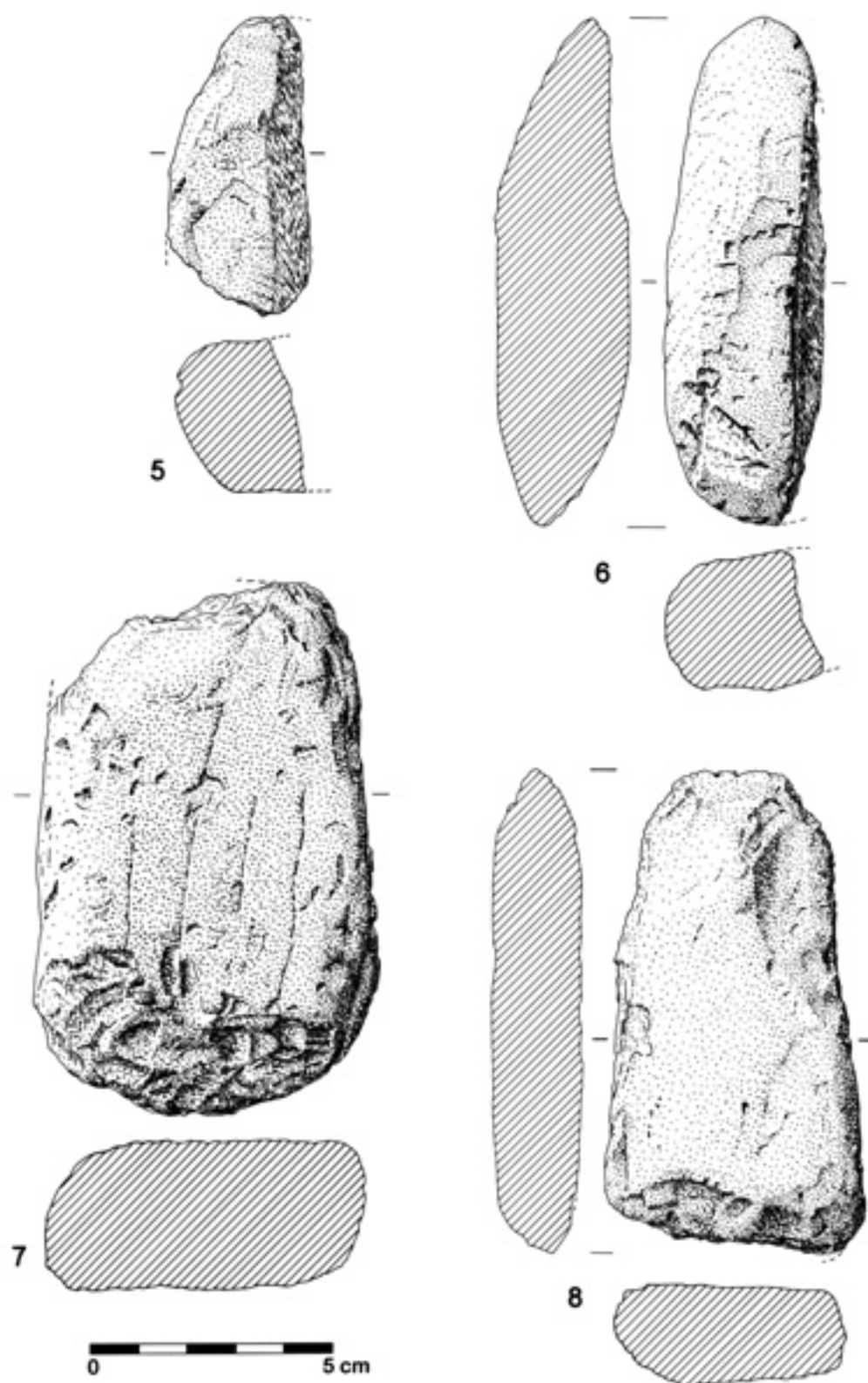


Fig. 19 Pedra polida. Peças n.ºs 5 a 8.

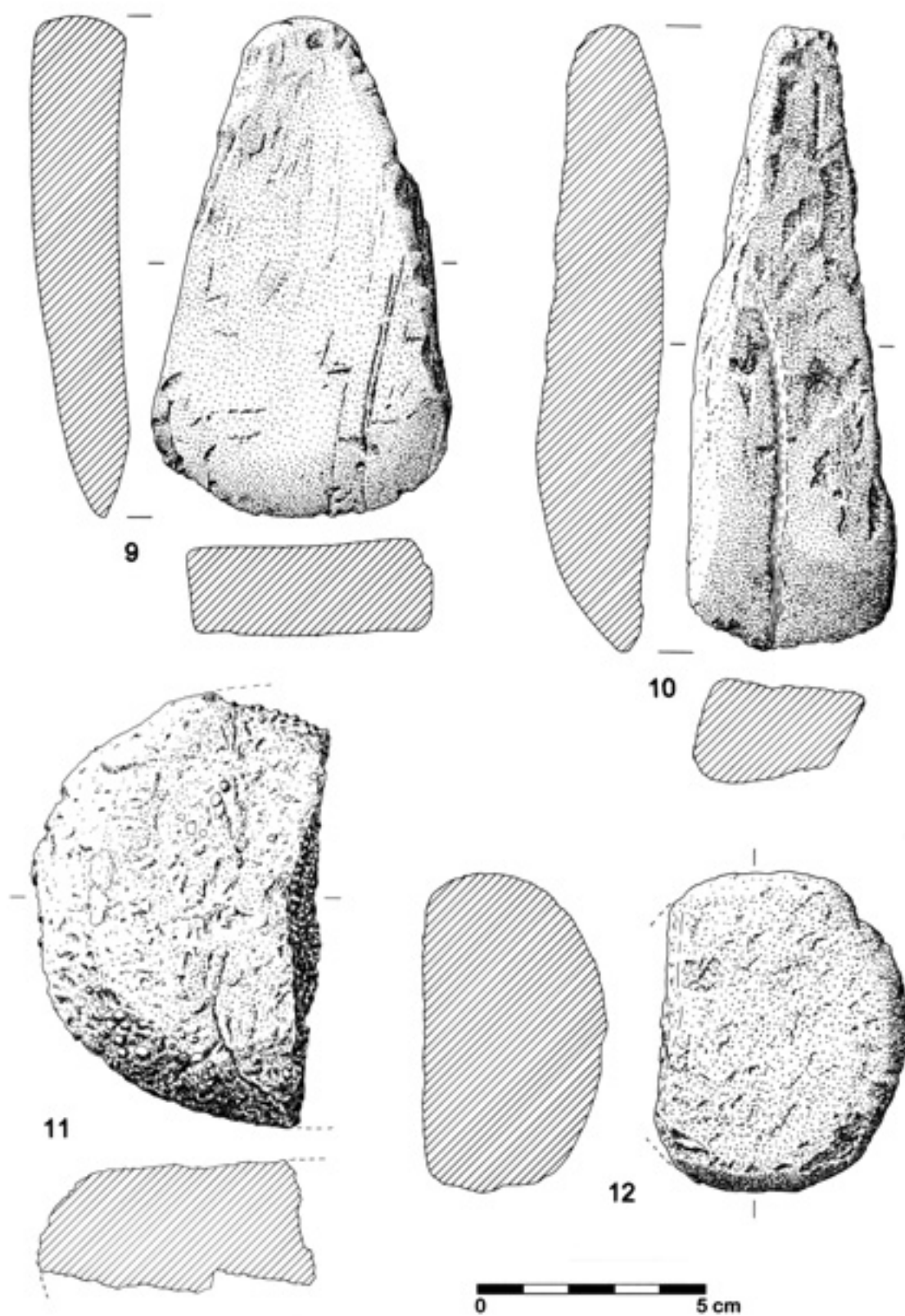


Fig. 20 Pedra polida e pedra afeiçoada. Peças n.ºs 9 a 12.

sendo assim compatível com actuação vertical, de forma a facilitar o corte, e o exemplar da Fig. 19, n.º 6, o qual, apesar de incompleto, possui corpo maciço e gume de secção aproximadamente simétrica, também condizente com a referida atribuição. As peças identificadas como enxós possuem sempre gumes perpendiculares ao eixo longitudinal, na maioria intactos, como é frequente em ambientes funerários, embora num caso o desgaste sugira que a peça foi utilizada antes de ser depositada no sepulcro (Fig. 18, n.º 3).

Aliás, existem dois exemplares que atestam violentas marcas de utilização, por percussão (Fig. 19, n.ºs 7 e 8), sugerindo a sua utilização (ou reutilização?) como sachos.

Apenas um exemplar, por se apresentar muito incompleto, não permite atribuição funcional a qualquer dos grupos identificados (Fig. 19, n.º 5).

3.2. Pedra afeiçãoada

Identificaram-se dois exemplares de granito de grão grosseiro ligeiramente alterado, um deles de coloração rosada. Um apresenta-se muito incompleto (Fig. 20, n.º 11); o outro, plano-convexo, com a face plana polida pela utilização (Fig. 20, n.º 12). Correspondem a elementos moventes de moinhos manuais, ou a outro qualquer dispositivo de maceração.

Foi identificado, à superfície, no lado SW exterior à mamoa, um elemento dormente de moinho manual de quartzito, de contorno elipsoidal, com a superfície de moagem levemente côncava (Fig. 21, n.º 13).

A presença de elementos de moagem, especialmente dormentes, tem sido referida em diversos monumentos megalíticos, podendo entrever-se conotação entre ambientes funerários e a simbólica associada à prática agrícola, no respeitante à regeneração e à fecundidade da própria terra. Alguns dos muitos exemplos identificados no território português que denotam a associação entre elementos de moagem (e, por conseguinte, a agricultura) e monumentos funerários, foram inventariados aquando do estudo do menir de Cegonhas, Rosmaninhal (Idanha-a-Nova), já publicado (Cardoso & *alii*, 1995).

Também no território espanhol adjacente à região em apreço, se observou idêntico procedimento, como é evidenciado pelo dormente recolhido na base da câmara do dólmen de la Encina (Cáceres) (Ruiz-Gálvez Priego, 2000; Fig. 22), cuja posição vem demonstrar não se tratar de uma reutilização como simples material de construção, como nalguns outros casos se poderá admitir. No caso em apreço, não é possível determinar que tipo de associação teria sido reservada a esta peça, uma vez que foi encontrada fora da estrutura funerária, embora, na origem, lhe pudesse ter pertencido.



Fig. 21 Pedra afeiçãoada. Peça n.º 13.

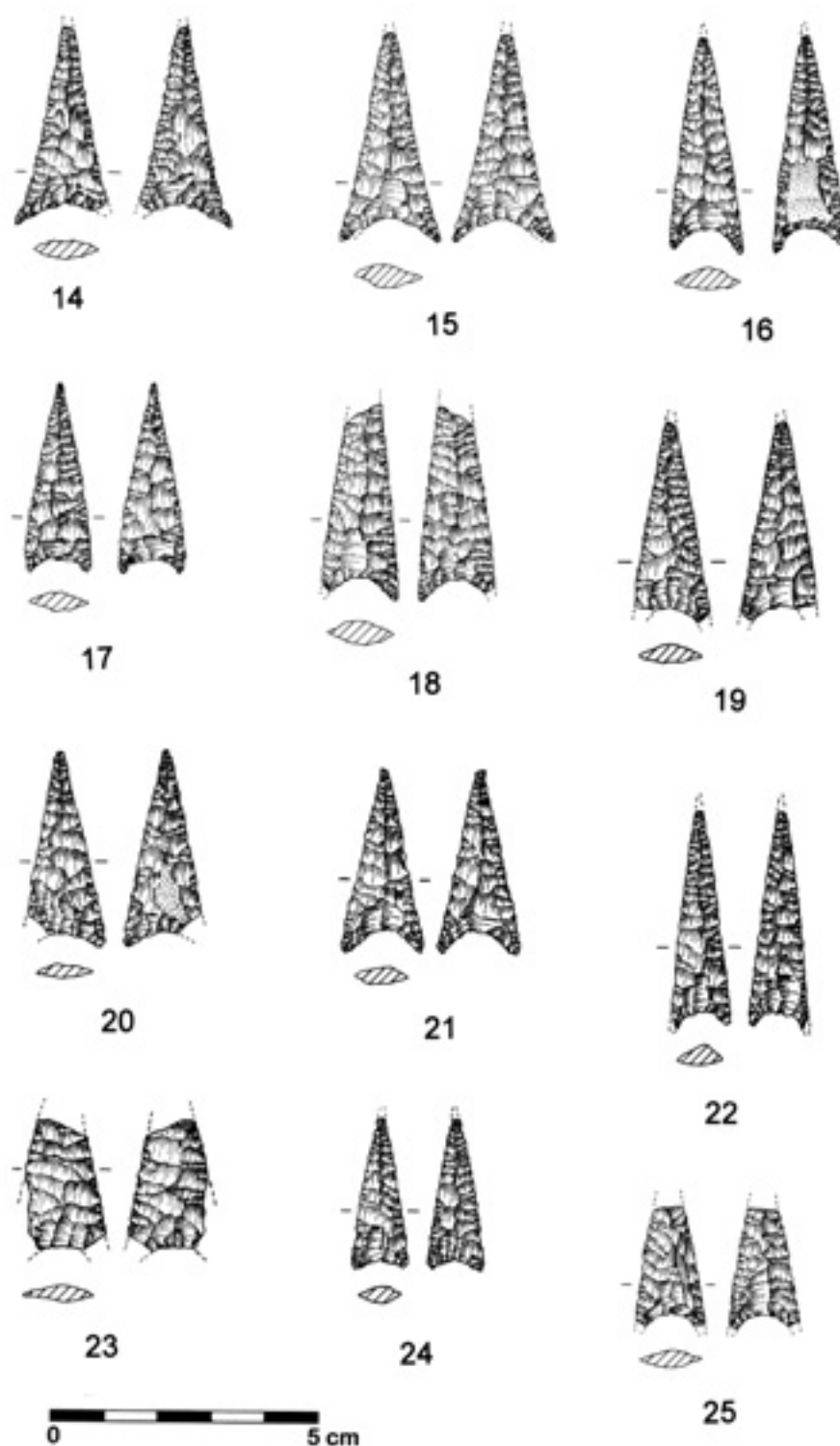


Fig. 22 Indústria lítica. Peças n.ºs 14 a 25.

3.3. Pedra lascada

3.3.1. Pontas de seta

Recolheram-se 24 exemplares classificáveis (Fig. 23, n.ºs 14 a 25; Fig. 24, n.ºs 26 a 38), todos de base côncava, excepto um exemplar fracturado, mas que certamente não fugia à dita regra (Fig. 24, n.º 38).

A totalidade destes exemplares apresenta-se muito bem trabalhada em ambas as faces, possuindo corpo alongado (n.ºs 14 a 29), com bordos laterais rectilíneos, ou levemente convexos ou côncavos. Outros exemplares possuem corpo mais curto e base mais ou menos cavada (n.ºs 33 a 36).

Todos os exemplares são executados em sílex predominantemente de coloração acastanhada a avermelhada ou rosada, estando também presentes, em menor número, as tonalidades acinzentada a esbranquiçada.

A sua tipologia indica estádio evoluído, dentro do Neolítico Final ou já no Calcolítico, uma vez que não ocorrem pontas de seta de base pedunculada, triangular, convexa ou rectilínea, presentes em maioria na anta 2 do Couto da Espanhola (Idanha-a-Nova), acompanhando pontas de base côncava em tudo idênticas às recolhidas no monumento em estudo (Cardoso, Caninas & Henriques, 1997, Fig. 10). Se esta associação demonstra que ambos os grupos coexistiram, podendo eventualmente possuir funcionalidades distintas, também não deixa de ser significativo que, nos vinte e quatro exemplares recolhidos, todos sejam de base côncava, o que está conforme com o observado na mamoa da Charneca das Canas (Vila Velha de Ródão), situada mais próximo, em que todas as pontas de seta classificáveis (nove), possuem igualmente a base côncava (Silva, 1991, Figs. 9 e 10), integrando exemplares claramente calcolíticos, alguns com a base profundamente cavada, análogos aos recolhidos nas *tholoi* de Alcalar (Portimão) por Estácio da Veiga, onde são também exclusivas as pontas de seta de base côncava. Desta forma, é lícito atribuir a ocupação da mamoa da Charneca das Vinhas a uma época posterior à da anta 2 do Couto da Espanhola, monumento de planta evoluída, com câmara poligonal e corredor longo, atribuível ao Neolítico Final e próxima da correspondente à da mamoa da Charneca das Canas. Contrastando com esta exclusividade tipológica, mas em sentido contrário, cita-se o conjunto exumado na anta do Penedo Gordo, do vizinho concelho de Gavião, situada perto do Tejo, sobre a sua margem direita, onde, das onze pontas de seta recolhidas apenas uma possui base côncava (Cunha & Cardoso, 2002–2003). Esta realidade deverá ter, por certo, incidência de ordem cronológico-cultural, sendo tanto mais modernos os conjuntos onde as pontas de seta de base côncava mais predominarem.

3.3.2. Punhais

Identificou-se um punhal de sílex castanho primorosamente trabalhado em ambas as faces, com falta da extremidade distal (Fig. 26, n.º 70). Peças desta natureza ocorrem na vizinha mamoa da Charneca das Canas (Vila Velha de Ródão), de onde provêm três exemplares em tudo análogos (Silva, 1991, Fig. 13), embora dois limitados à respectiva base. A tipologia destas peças é comum, tal como a das pontas de seta, a inúmeras estações da Estremadura (no sentido geográfico de O. Ribeiro, do Sado ao Mondego) e das Beiras, evidenciando estreitas relações com esta vasta região, da qual se pode considerar como o seu mais interior prolongamento, antes de se penetrar nas terras da Meseta.

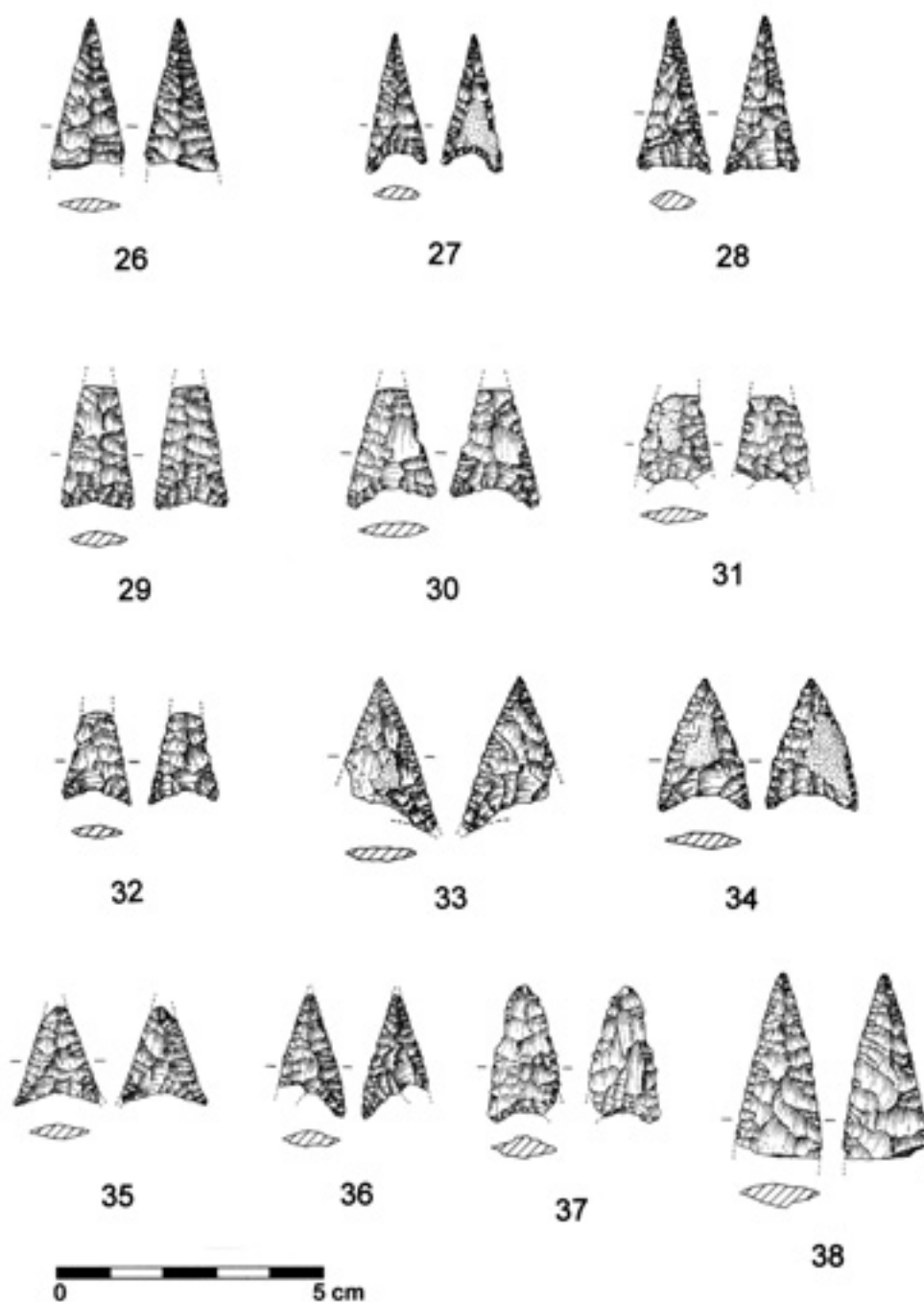


Fig. 23 Indústria lítica. Peças n.ºs 26 a 38.

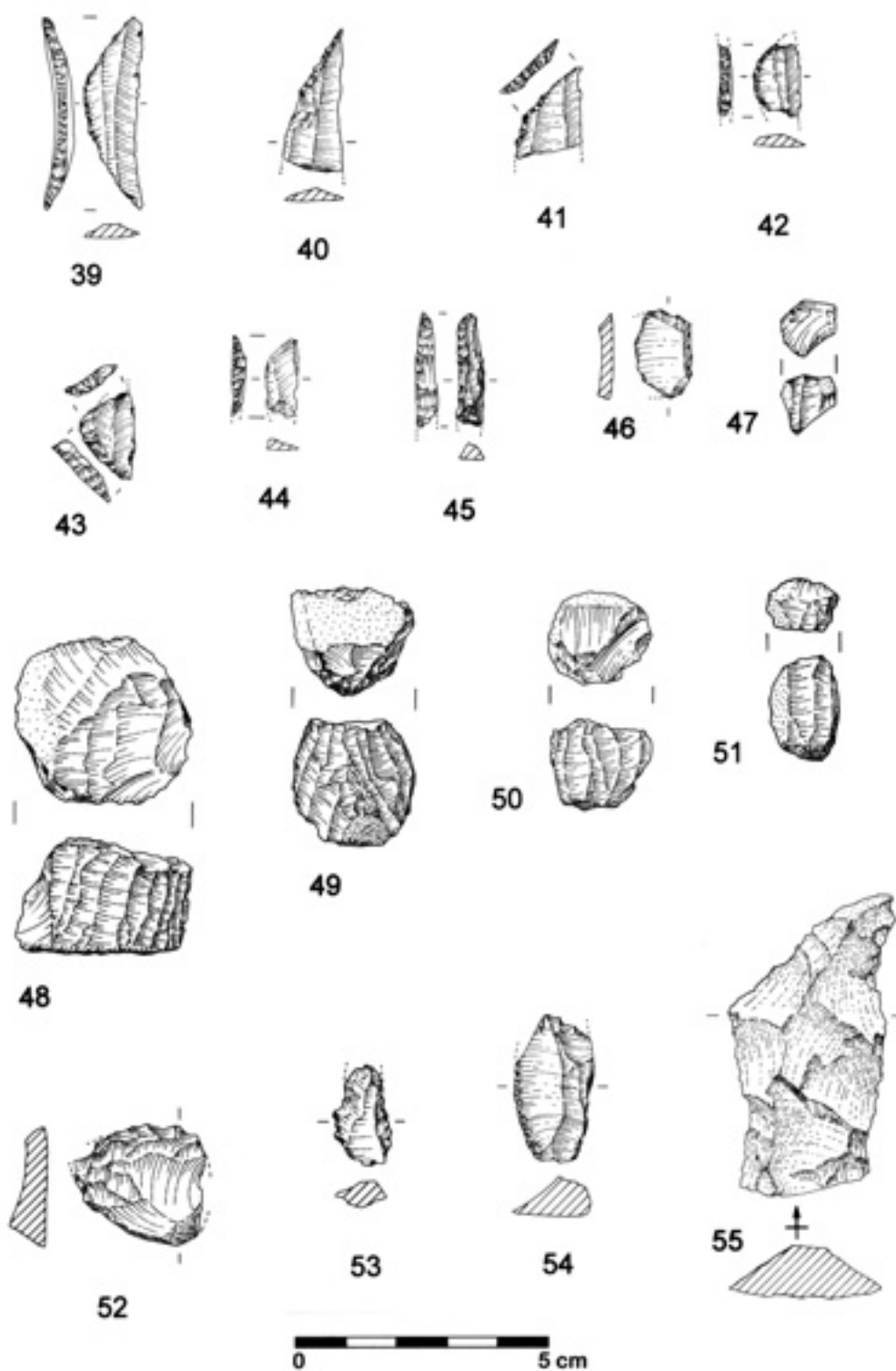


Fig. 24 Indústria lítica. Peças n.ºs 39 a 55.

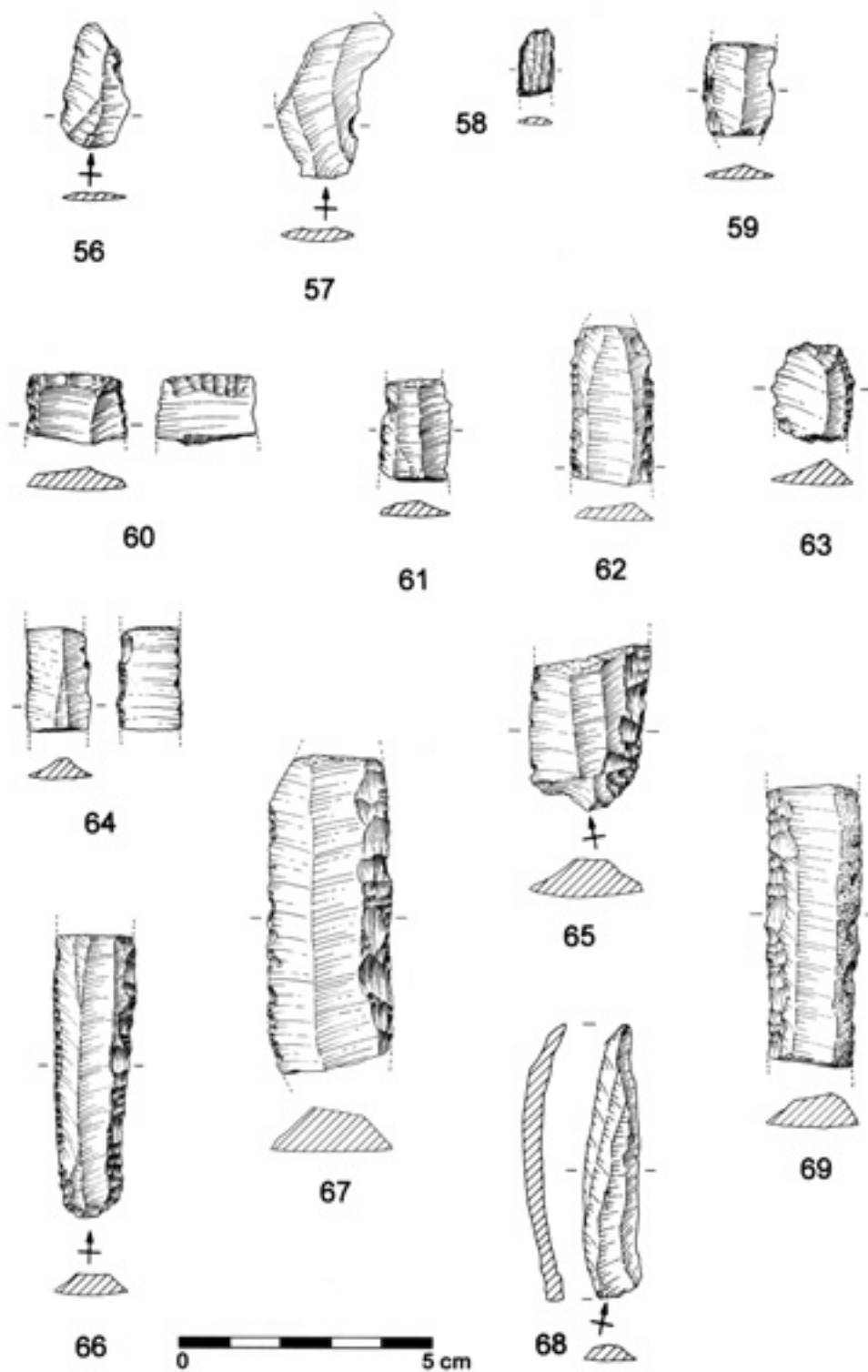


Fig. 25 Indústria lítica. Peças n.ºs 56 a 69.

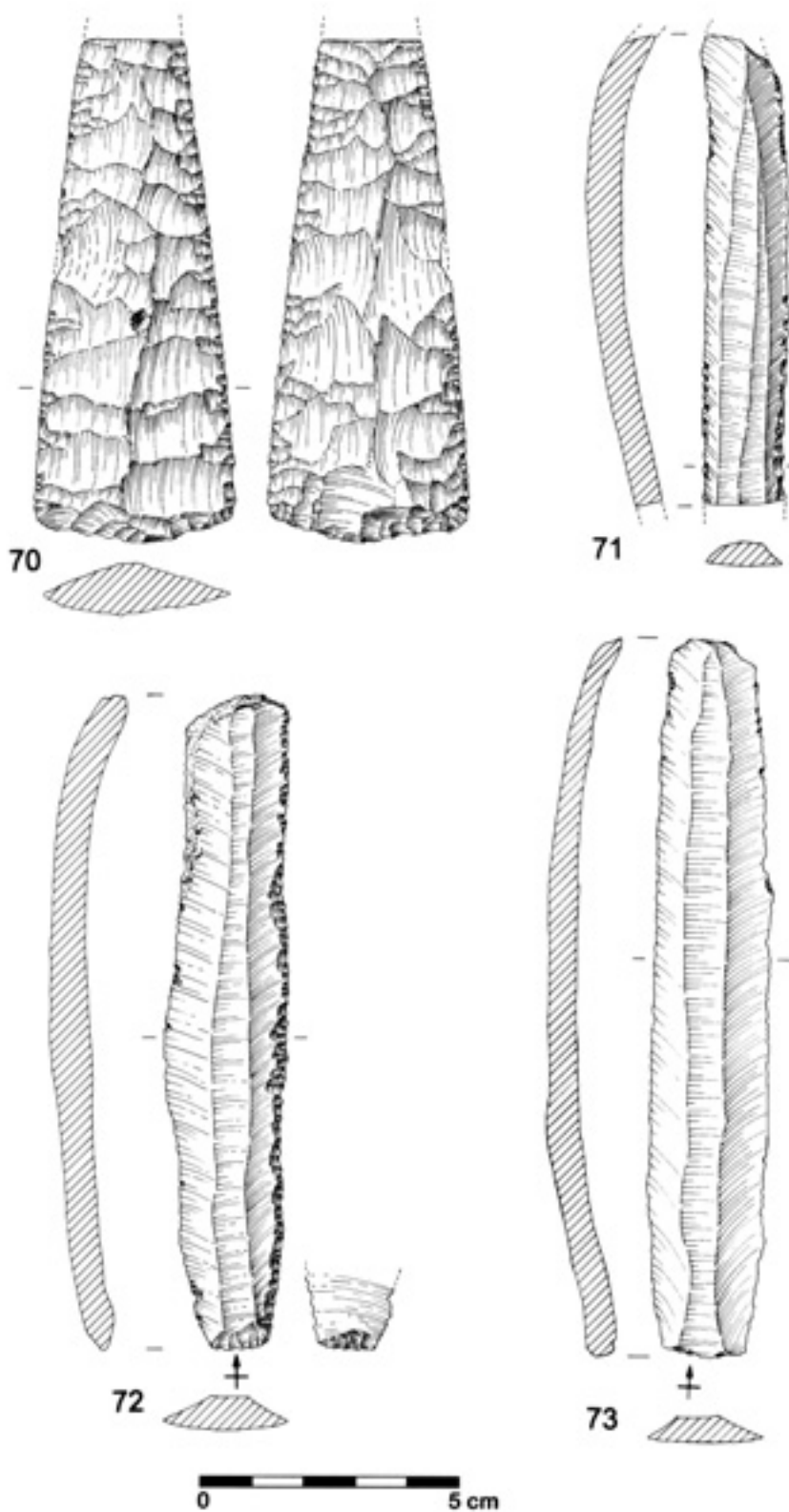


Fig. 26 Indústria lítica. Peças n.ºs 70 a 73.

3.3.3. *Indústrias microlíticas*

Ocorrem diversos exemplares de sílex acastanhado ou acinzentado, ou de cristal de rocha, distribuídos pelas seguintes categorias:

Segmentos

Foram recolhidos três segmentos de sílex, cuidadosamente retocados ao longo do gume convexo (Fig. 24, n.ºs 39, 42 e 43), sendo um de assinaláveis dimensões, idêntico a exemplar recolhido no sítio habitado do Cabeço da Velha (Fratel, Vila Velha de Ródão), atribuído ao Neolítico Final. Seja como for, a ocorrência destes artefactos em contexto tão evoluído, deve ser considerada como reminiscência das indústrias do Neolítico Antigo do território português.

Truncaturas

Dois exemplares laminares e incompletos, de sílex, possuem duas truncaturas oblíquas na extremidade (Fig. 24, n.ºs 40 e 41), cuidadosamente executadas.

Triângulos

Apenas se recolheu um exemplar, de sílex, com vértice pouco marcado, conferindo-lhe contorno próximo dos segmentos (Fig. 24, n.º 43).

Lamelas de bordo abatido

Recolheu-se um exemplar estreito e muito espesso, de sílex, cuja função como furador é a mais provável (Fig. 24, n.º 45) e um outro, incompleto numa das extremidades (Fig. 24, n.º 44).

Lamelas retocadas

Um exemplar incompleto, em quartzo hialino, com ambos os bordos retocados (Fig. 25, n.º 58).

Esquírolas retocadas

Um exemplar de contorno elipsoidal, de sílex, parcialmente retocado (Fig. 24, n.º 46) e outro, correspondendo a microdenticulado, também de sílex (Fig. 24, n.º 53).

Esquírolas não retocadas

Uma esquírola irregular, de quartzo hialino (Fig. 24, n.º 47).

3.3.4. *Indústrias laminares e sobre lascas*

Apresentam-se em variedades de sílex de tonalidades já identificadas nos grupos anteriores, representadas essencialmente pelas colorações acastanhadas a rosadas (um exemplar); as colorações acinzentadas, podendo atingir o negro (um exemplar), são as segundas mais frequentes. Excepcionalmente, identificou-se um exemplar de quartzo hialino, correspondente a uma lasca desprovida de trabalho (Fig. 25, n.º 56).

Lâminas

Merecem destaque dois grandes exemplares inteiros, um deles retocado, ambos em sílex castanho, com paralelos em outros monumentos da região, como os exemplares recolhidos na anta 5 do Amieiro e na anta 2 do Couto da Espanhola, Idanha-a-Nova (Cardoso, 2008a, Figs. 10.23 e 10.24).

Lâminas não retocadas

Duas lâminas não retocadas, uma de dimensões modestas (Fig. 25, n.º 68), outra correspondendo a grande exemplar (Fig. 26, n.º 73), ambas de sílex acastanhado, levemente arqueadas.

Lâminas retocadas

Identificaram-se 11 lâminas ou fragmentos de lâminas de sílex, ostentando a maioria retoques contínuos, num ou em ambos os gumes (Fig. 25, n.ºs 60 a 62, 64 a 69, Fig. 26, n.ºs 71 e 72). Apresentam-se predominantemente incompletas, facto atribuível a anteriores remeximentos do sepulcro, os quais se encontram bem evidenciados pela ausência dos esteios que estruturavam a câmara e o corredor. As extremidades distais, quando conservadas, apresentam-se em bruto, ou não trabalhadas (dois exemplares), num caso ocupada por frente de raspadeira, afeiçoada a partir de ambas as faces, por levantamentos pouco inclinados ou sub-horizontais (Fig. 25, n.º 60). Deve ser assinalada as dimensões de alguns dos exemplares, evidenciando apuradas técnicas de talhe, pressupondo o recurso ao talhe por pressão, talvez a partir de dispositivo com alavanca.

Lascas retocadas

Três lascas, de formatos distintos, de sílex acastanhado (dois exemplares), ou acinzentado (o restante), apresentam retoques contínuos ao longo de um dos bordos, indicando utilização como raspadores (Fig. 24, n.ºs 52 e 54; Fig. 25, n.º 63).

Lascas em bruto

É interessante verificar a ocorrência de três lascas em bruto, de distinto tamanho e natureza, cuja ocorrência no monumento só pode indicar deposição intencional, justificada por utilização tal qual, simplesmente encabadas, ou integrando artefactos de características e funcionalidade desconhecidas. Trata-se de exemplar de quartzito (Fig. 24, n.º 55); de outro, de cristal de rocha (Fig. 25, n.º 56) já atrás mencionado, e de um terceiro de sílex castanho-escuro (Fig. 25, n.º 57).

Núcleos de lamelas

Recolheram-se quatro núcleos de lamelas de tipo prismático, todos de cristal de rocha, três deles incolores, o outro fumado (Fig. 24, n.ºs 48 a 51). A nítida incidência de núcleos de cristal de rocha, sem que sejam acompanhados por congêneres de sílex, conforme seria de esperar dada a maior incidência desta matéria-prima na elaboração de indústrias microlíticas, observa-se em outros monumentos da região, como a mamoa da Charneca das Canas (Vila Velha de Ródão), onde se recolheram igualmente dois núcleos de cristal de rocha sem que nenhum de sílex tenha sido identificado (Silva, 1991, Fig. 8, n.ºs 1 e 2); situação análoga foi observada na anta 2 do Couto da Espanhola (Idanha-a-Nova), onde se recolheu um pequeno núcleo de cristal de rocha semi-hialino, desacompanhado de outros (Cardoso, Caninas & Henriques, 1997, Fig. 9, n.º 8). Estes exemplos poderiam multiplicar-se em monumentos funerários tanto na região como fora dela, o que evidencia o carácter duplamente simbólico destes exemplares: não só como oferendas, como as restantes, acompanhantes dos finados, mas também pelos princípios que representavam intrinsecamente:

a pureza, associada à transparência, e a vitalidade/fecundidade, decorrente da sua dureza e da capacidade de se transmutarem em outras peças deles obtidas: as lamelas.

3.4. Indústria cerâmica

3.4.1. Cerâmica lisa

Foi possível identificar um número mínimo de seis recipientes lisos, assim distribuídos:

1. Grande esférico de lábio simples (Fig. 27, n.º 76);
2. Pequena taça de bordo reentrante, representada pelo número máximo de três fragmentos (Fig. 27, n.ºs 78, 79; Fig. 28, n.º 81);
3. Grande taça em calote (Fig. 28, n.º 82);
4. Duas pequenas taças em calote (Fig. 27, n.º 77; Fig. 29, n.º 90);
5. Vaso de bordo reentrante, perfurado na carena que o separa do bojo (Fig. 28, n.º 80);
6. Vaso de fundo plano (Fig. 28, n.ºs 83 a 85; Fig. 29, n.º 97).

Recolheram-se ainda quatro pequenos fragmentos de bordos, dos quais dois poderiam pertencer a um sétimo recipiente (Fig. 29, n.ºs 88 e 89); um outro a um oitavo recipiente (Fig. 29, n.º 87) e finalmente um último (Fig. 29, n.º 86) a um nono exemplar (Fig. 29, n.º 86). O exemplar da Fig. 29, n.º 87, possui o lábio revirado para o exterior, aproximando-se do perfil dos recipientes representados por Georg e Vera Leisner na est. XXVII, do grupo A2 e B1 do Megalitismo da região de Reguengos de Monsaraz (Leisner & Leisner, 1951).

Em contrapartida, o recipiente que foi possível reconstituir integralmente (Fig. 28, n.º 80) não possui paralelos claros naquele espaço geográfico, ainda que os referidos autores tenham identificado um grupo tipológico (Grupo 3) caracterizado por “Grandes vasos globulares de rebordo espesso” (Leisner & Leisner, 1951, p. 88). Com efeito, o nosso exemplar diferencia-se dos descritos pelo casal alemão, por possuir uma aba reentrante bem marcada, diferenciada por carena do bojo do recipiente, não observada naqueles. Mas a presença desta forma não se pode considerar completamente desconhecida no Alto Alentejo, já que foi identificada pelos referidos autores na anta 1 da Herdade da Ordem, Avis (Leisner & Leisner, 1959, Tf. 15, 1, n.º 68). Enfim, certo tipo de “lâmparas” calcólicas, como os exemplares recolhidos na *tholos* de Monte Velho, Ourique (Leisner & Leisner, 1959, Tf. 43, n.º 1), têm em comum as paredes reentrantes em torno da abertura, mas diferem do exemplar em apreço por este ser mais fundo e de maiores dimensões, contrariando aquela utilização.

Sendo esta uma forma não registada na Estremadura, mais uma vez o paralelo mais próximo encontra-se na mamoa da Charneca das Canas, onde se recolheram dois exemplares idênticos (Silva, 1991, Fig. 15, n.ºs 39, 40), um deles com elementos de suspensão constituídos por pequenas orelhetas implantadas sobre a carena, perfuradas horizontalmente, no que difere da solução encontrada no exemplar em estudo, que, para suspensão, possui perfurações oblíquas executadas na carena. A distribuição geográfica da referida forma cerâmica, de evidente cunho regional, estendeu-se, para jusante, ao longo do vale do Tejo, já que foi identificada na anta do Penedo Gordo (Belver, Gavião), através de fragmento em tudo análogo (Cunha & Cardoso, 2002–2003, Fig. 13, n.º 12).

Outra particularidade das produções cerâmicas recolhidas neste monumento diz respeito aos três fragmentos de vasos de fundo plano (Fig. 28, n.ºs 84 e 85; Fig. 29, n.º 97). Trata-se de forma de assinalável raridade no Neolítico e, ainda mais, no Calcolítico, embora na região esteja documentada

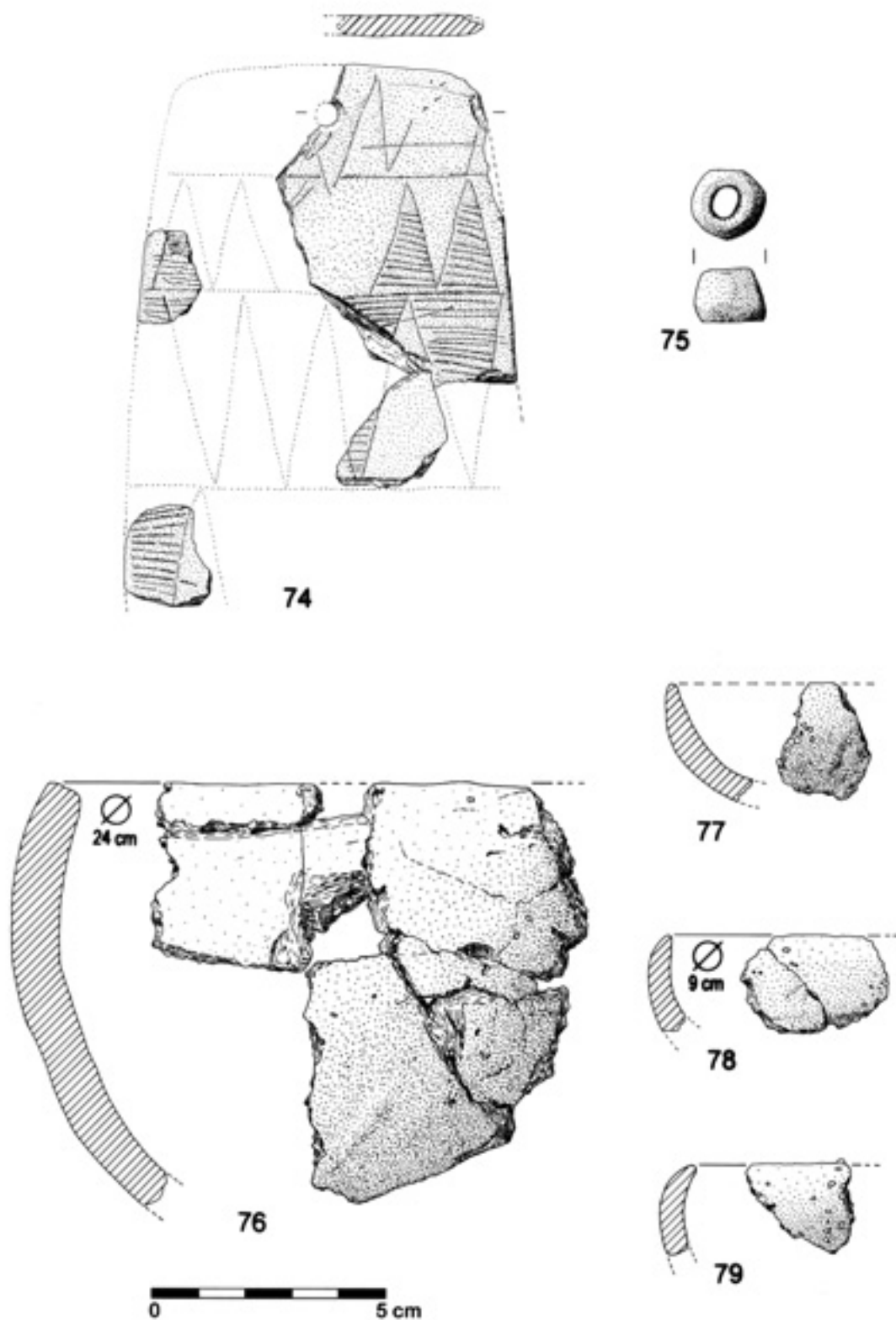


Fig. 27 Elementos de carácter ritual e adorno e recipientes cerâmicos. Peças n.ºs 74 a 79.

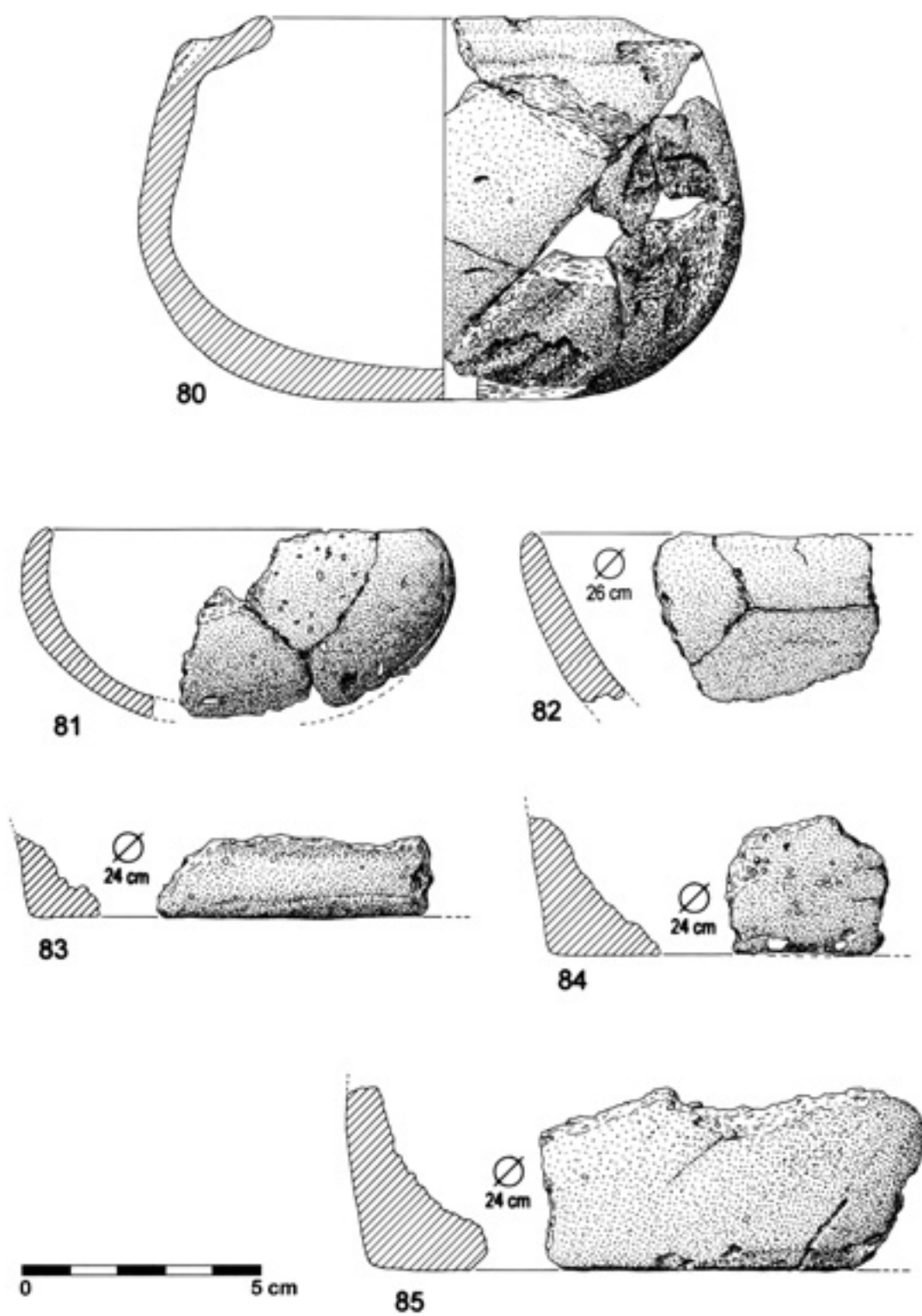


Fig. 28 Recipientes cerâmicos. Peças n.ºs 80 a 85.

pelo pequeno vaso com asa em fita recolhido na anta 8 do Amieiro, Rosmaninhal (Idanha-a-Nova) (Cardoso & *alii*, 2003, Fig. 15, n.º 9) e, no território do país vizinho, entre outros, pelos fragmentos de pelo menos dois vasos recolhidos no sepulcro megalítico atribuível ao Calcolítico de Trincones I (Cáceres) (Bueno Ramírez, Barroso Bermejo & Balbín Behrmann, 2004, Fig. 8; Bueno Ramírez & *alii*, 2000, Fig. 36).

Identificaram-se ainda dois elementos de preensão, sem que se possam relacionar como qualquer dos exemplares mencionados: uma pequena asa perfurada horizontalmente (Fig. 29, n.º 91) e o arranque de exemplar homólogo (Fig. 29, n.º 96).

3.4.2. Cerâmicas decoradas

Recolheram-se dois pequenos fragmentos de vasos com superfície algo erodida, de forma indeterminada, eventualmente pertencentes ao mesmo exemplar, com decoração incisa, próxima da identificada nos exemplares estremenhos do Calcolítico Pleno. A ocorrência de cerâmicas decoradas em contextos megalíticos da região é excepcional, podendo ver-se nesta presença uma ligação estremenha, propiciada pelo rio Tejo, que corre próximo.

Outros dois fragmentos de recipientes de paredes verticais ou levemente inclinadas para o interior, pertencendo a vasos troncocónicos, possuem abaixo do bordo uma canelura simples, característica reportada nas estações neolíticas da Comporta (Grândola) ao Neolítico Médio (Silva & *alii*, 1986). Um dos exemplares possui uma banda decorada por nove finas linhas incisadas, do lado interno do bordo, executadas a pente. Esta característica técnica decorativa, que já tinha sido identificada em dois fragmentos da mamoa da Charneca das Canas (Silva, 1990, Fig. 17, n.ºs 44, 45), corresponde a um dos fácies das cerâmicas decoradas calcolíticas do sul da Beira Interior; sendo de evidentes afinidades setentrionais, área do País onde se encontra particularmente bem representada a sua ocorrência na região, em coexistência com outra tradição cultural, de origem alentejana, representada pelas cerâmicas lisas, com taças de bordo espessado internamente, pratos de bordo almenдрado e pesos de tear em forma de crescente, corporiza, já no Calcolítico, a reunião, na região em apreço, de tradições culturais distintas, o que está de acordo com a sua posição geográfica de charneira entre os dois domínios culturais em apreço (Vilaça, 2008).

3.5. Objectos de adorno

Os objectos de adorno estão reduzidos a uma conta de colar em matéria verde (Fig. 27, n.º 75). Trata-se, provavelmente, de variscite, como se verifica na maioria dos exemplares coevos encontrados no território português (Calado & Cardoso, 2004). Peças como a recolhida parecem difíceis de obter a partir dos finos veios de variscite identificados em formações metassedimentares de idade silúrica do Norte de Portugal (Meireles, Ferreira & Reis, 1987), a única ocorrência até agora registada no actual território português. Embora esteja assinalada a exploração de variscite, na época romana, perto de Zamora (Campano, Rodríguez & Sanz, 1985), a única ocorrência conhecida de exploração pré-histórica deste mineral no SW peninsular é a de Encinasola (Nocete, 2001; Domínguez Bella & *alii*, 2002). Assim, esta ocorrência, inscreve-se no comércio trans-regional desta matéria-prima, explicável pelo especial apreço que a estas contas de cor verde era dispensado pelas populações pré-históricas peninsulares, cuja prova mais evidente é a particular concentração destas ocorrências na Estremadura portuguesa, região onde tal matéria-prima não existia.

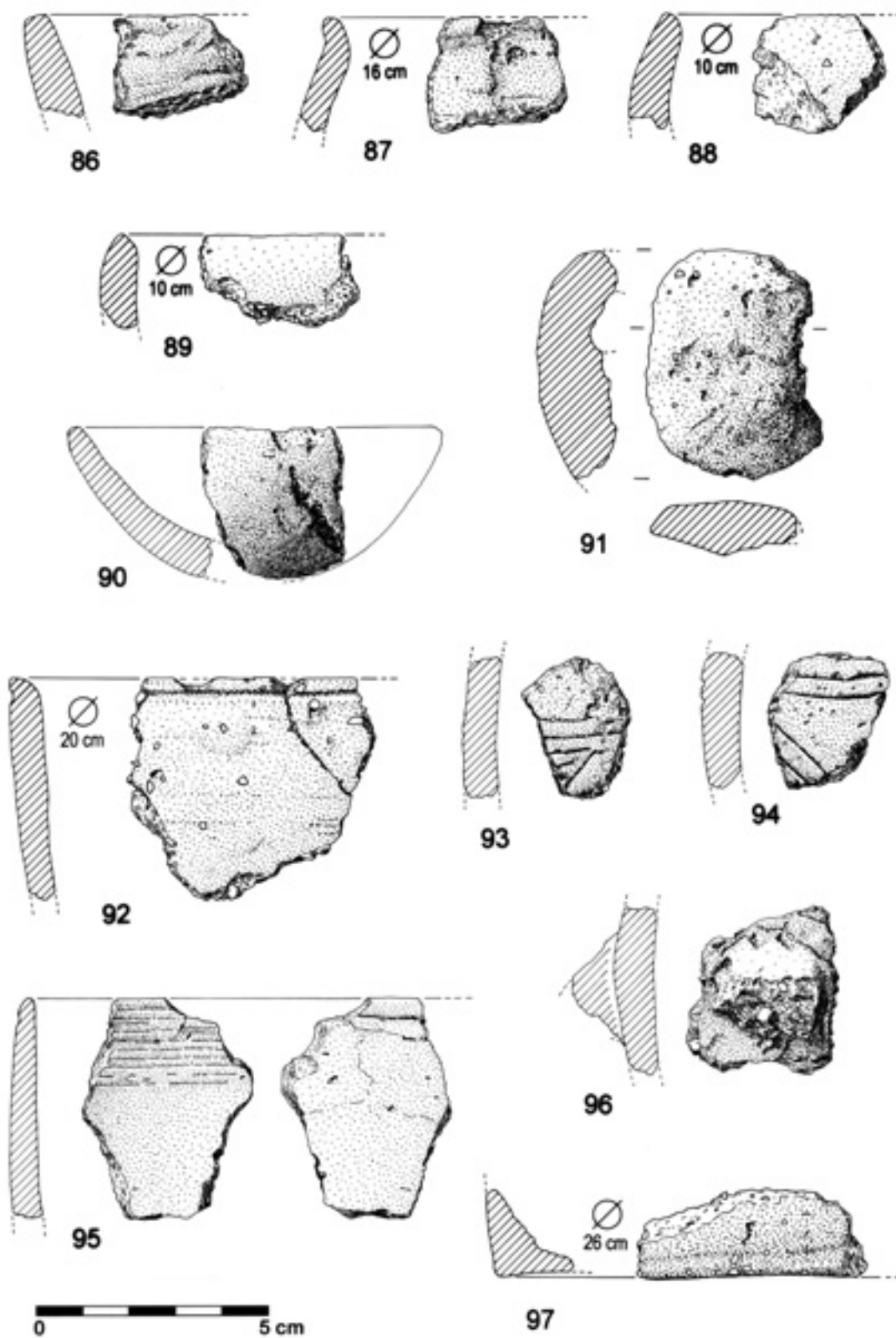


Fig. 29 Recipientes cerâmicos. Peças n.ºs 86 a 97.

3.6. Artefactos rituais

Os elementos de cunho ritual estão representados por uma placa de xisto gravada (Fig. 27, n.º 74). Esta merece uma atenção especial por corresponder a um padrão que foi isolado com base num pequeno conjunto de peças (Caninas & Henriques, 1994) estando confinado a território situado no Norte Alentejano, englobando os concelhos de Nisa, Crato, Castelo de Vide e Marvão (Fig. 30). Tal facto sugere uma manufactura comum e permite estabelecer um nexos cronológico-cultural com os rituais funerários que tiveram lugar nos monumentos onde foram recolhidos. A representação regional deste modelo vê-se alargada à região de Ródão, que coalesce com o território dos concelhos atrás referidos, com o exemplar identificado na mamoa da Charneca das Vinhas. Após a publicação do trabalho referido foi possível detectar outra placa de xisto, proveniente da Anta 2 de São Gens, em Nisa (Oliveira, 1999–2000), filiável naquele conjunto.

Além dos dois exemplares já citados, o da mamoa da Charneca das Vinhas (Vila Velha de Ródão) e o da anta 2 de São Gens (Nisa), as outras placas de xisto que formam o referido conjunto são originárias da anta da Terra da Azinheira (1 ex., Caninas & Henriques, 1994), em Nisa, da Anta da Tapada da Laje de Peles (1 ex., Isidoro, 1971, figs. 21 e 22), da anta 1 do Couto do Biscaia (2 exs., Isidoro, 1970, Fig. 15ba e 15b) e da anta da Lameira (1 ex., Leisner, 1959, estampa 6.6.1), no Crato, e da anta da Cabeça (2 exs., Leisner, 1959, estampa 3.4.4), em Castelo de Vide, que Conceição Rodrigues (Rodrigues, 1975) admite ser um dos monumentos da necrópole da Tapada de Alcolgulo. Finalmente, no Museu da Associação dos Arqueólogos Portugueses existe uma placa de “proveniência desconhecida”, publicada pelo casal Leisner (Leisner, 1959, estampa 4.4), como sendo de Castelo de Vide ou de Marvão, e por Estácio da Veiga (1887, vol. II, estampa VIII) que a relaciona com uma anta de Castelo de Vide.

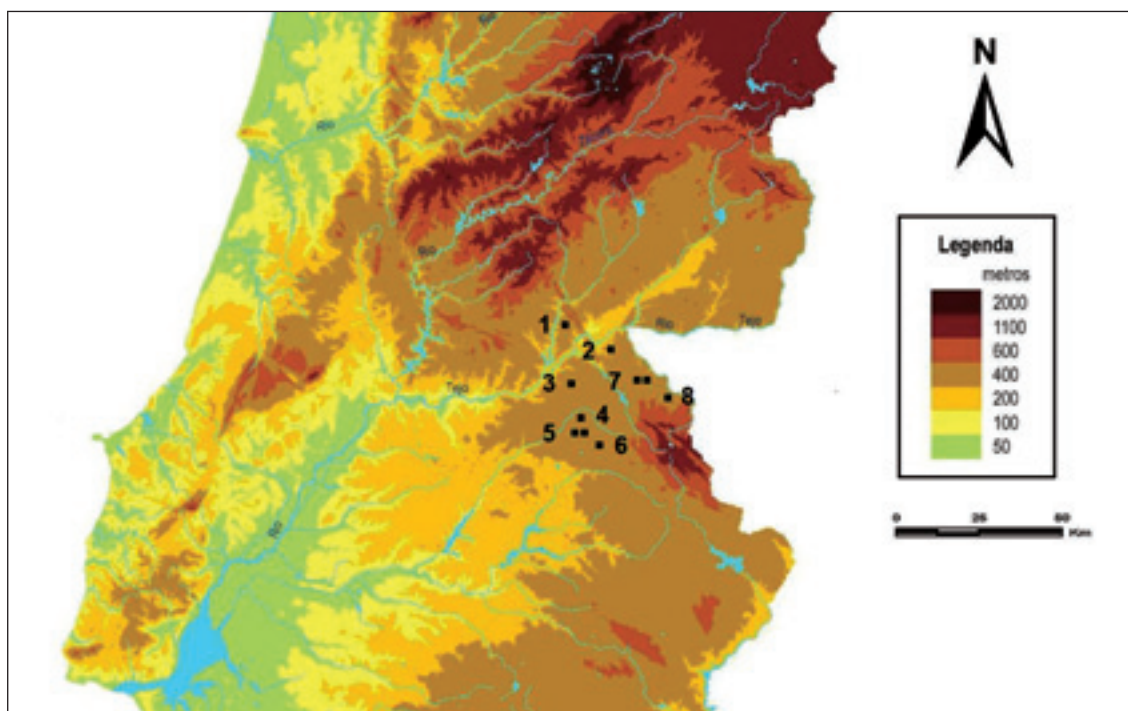


Fig. 30 Distribuição de placas de xisto gravadas semelhantes à identificada na mamoa da Charneca das Vinhas (1 - Charneca das Vinhas, 2 - Terra da Azinheira, 3 - São Gens, 4 - Tapada da Laje de Peles, 5 - Couto do Biscaia, 6 - Cabeça, 7 - Lameira e 8 - peça atribuída a monumento não identificado situado em Marvão ou em Castelo de Vide).

Podemos relacionar alguns destes exemplares com espólios funerários e tipologias arquitectónicas. As peças que estão nestas condições são as provenientes da mamoa da Charneca das Vinhas (Vila Velha de Ródão), da anta 2 de São Gens (Nisa) e das antas 1 do Couto do Biscaia e da Tapada da Laje de Peles (Crato), dado que nos restantes casos a correlação com arquitecturas e espólios é duvidosa ou desconhecida.

A anta 2 de São Gens é uma estrutura com câmara, poligonal, de oito esteios graníticos, e corredor curto, bem diferenciados em planta e altura. Observa-se um número quase idêntico de placas de xisto gravadas (cinco) e de instrumentos de pedra polida (quatro machados e duas enxós), sugerindo número de cadáveres ali colocados, embora com distribuição desencontrada no espaço funerário, com as placas a restringirem-se à metade ocidental da câmara e os machados e enxós a ocuparem o corredor e a parte oriental da câmara. O espólio integra elevada quantidade de recipientes cerâmicos, incluindo taças carenadas e dois pequenos vasos de fundo aplanado, e ainda pequeno conjunto de pontas de seta (base côncava) e geométricos.

As duas placas da anta 1 do Couto do Biscaia estavam acompanhadas por espólio diversificado, marcado por elevada quantidade (aspecto realçado por Agostinho Farinha Isidoro) de instrumentos de pedra polida, de vasos cerâmicos, incluindo recipientes carenados, e de placas de xisto gravadas, a que se juntam algumas pontas de seta, estando ausentes as de base côncava. Interessante dado reside na igual quantidade de placas de xisto e de instrumentos de pedra polida (machados e enxós) ali presentes, 11. Este monumento, com câmara de planta poligonal, com sete esteios de granito, já não conservava o corredor.

A escavação por A. Farinha Isidoro da anta da Tapada da Laje de Peles, um monumento de planta trapezoidal de sete esteios, com corredor curto, marcado por um longo esteio, proporcionou três placas gravadas em xisto, oito instrumentos de pedra polida, entre os quais identificamos cinco machados e três enxós, uma ponta de seta de base triangular, uma conta de colar em matéria negra e três recipientes cerâmicos. A placa de xisto correspondente ao nosso modelo foi recolhida na zona do corredor e tem a particularidade de testemunhar uma reformatação, que lhe conferiu contorno antropomórfico, e novas gravações.

O espólio disponível nestes monumentos sugere a sua inserção no Neolítico Final, atribuição que é coerente com a arquitectura dos respectivos monumentos, indicando, por outro lado, época anterior à que presidiu aos rituais funerários da mamoa da Charneca das Canas. Poderá admitir-se que a placa de xisto da Charneca das Vinhas ali possa ter chegado mais tarde, quiçá, no contexto de uma reutilização, à escala regional, de um artefacto simbólico tão importante como este. De facto, além do desfasamento cronológico referido, a ocorrência singular da placa de xisto na mamoa da Charneca das Vinhas e o seu posicionamento no exterior do monumento podem indicar um significado ritual distinto do que presidiu ao uso destes artefactos nos monumentos anteriormente citados, onde se associariam de modo mais directo a cadáveres neles depositados. Tal hipótese é reforçada pela ausência deste tipo de artefacto na vizinha mamoa da Charneca das Canas.

4. Considerações finais

Os trabalhos efectuados na mamoa da Charneca das Vinhas são um contributo importante para o conhecimento das arquitecturas e rituais funerários associados ao megalitismo em Vila Velha de Ródão, município onde tal realidade ainda está mal caracterizada, agravada pelo facto de terem sido irremediavelmente destruídos mais de 64% dos 44 monumentos deste tipo inventariados até ao momento (Henriques, Caninas & Chambino, 2008).

De facto, apesar do longo investimento realizado, essencialmente pela Associação de Estudos do Alto Tejo, ao nível do inventário arqueológico, até 2000 foram executadas escavações em escasso número de monumentos, contando-se nessa situação os trabalhos de Francisco Tavares de Proença Jr., no início do século XX, na anta da Urgueira (Proença Jr, 1909) e em diversas antas da necrópole de Atalaia, nomeadamente no Vale de Lucriz (Henriques & Caninas, 2004), a escavação por João Caninas e Francisco Henriques de um monumento muito destruído, a anta do Farranhão, em 1983 e 1985, e a já referida escavação por Fernando Augusto Pereira da Silva, da mamoa da Charneca das Canas (Silva, 1991).

Tal panorama é extensivo à região de Castelo Branco, onde, apesar dos trabalhos de O. da Veiga Ferreira e de D. Fernando de Almeida na área de Idanha-a-Velha (Cardoso, 2008b), de Félix Alves Pereira (Pereira, 1933) e de Proença Jr., na área do Ponsul, o melhor conhecimento sobre o fenómeno megalítico foi obtido no sul do concelho de Idanha-a-Nova, na envolvente do Tejo Internacional, no âmbito de projectos de investigação promovidos pela Associação de Estudos do Alto Tejo, com incidência ao nível do inventário extensivo (Henriques, Caninas & Chambino, 1993; Henriques, Caninas & Cardoso, 1999) e de escavações arqueológicas, que permitiram formular uma proposta evolutiva do megalitismo naquela zona (Cardoso, Caninas & Henriques, 2003; Cardoso, 2008a). O conhecimento acerca deste fenómeno está bem representado na margem oposta do rio Tejo, tanto em território espanhol como português (Bueno Ramírez & *alii*, 2006; Oliveira, 1998, 2000).

A mamoa da Charneca das Vinhas situa-se num território delimitado por acidentes geográficos marcantes, conforme referido, caracterizado por uma diversificada rede de sítios arqueológicos da Pré-História Recente, em potencial relação entre si; zonas de povoamento, ocupando de forma exclusiva as plataformas detriticas pliocénicas, densos conjuntos de grafismos rupestres, nas margens dos rios que marginam aquele território (a chamada arte rupestre do Tejo) e sepulturas (antas e mamoas) ocupando tanto o bordo das mesas detriticas como os relevos do maciço antigo (Caninas, Henriques & Gouveia, 2004). O monumento em apreço poderá correlacionar-se com um momento de apogeu do santuário rupestre, marcado pela simbologia geométrico-simbólica, embora não se tenha obtido nenhum elo de ligação com tal complexo gráfico, no único esteio conservado *in situ*, ao contrário dos resultados desse tipo obtidos por colegas espanhóis na zona do Tejo Internacional (Bueno Ramírez & *alii*, 2006).

A mamoa da Charneca das Vinhas partilha com a mamoa da Charneca das Canas idêntica posição topográfica, sugerindo regressão da necrópole dolménica a partir das terras subjacentes para os bordos das mesas detriticas da Formação de Falagueira, e integra o mesmo horizonte cronológico-cultural, comparando os respectivos espólios que apontam para uma cronologia avançada dentro do fenómeno megalítico, em pleno Calcolítico. Tal posição topográfica é ilustrada por outras mamoas da região (Charneca do Janome, Charneca de Vilar de Boi).

O monumento em apreço, teria câmara e corredor, que por razões de má conservação não foi possível caracterizar. Contudo, o diversificado espólio ali recolhido, particularmente abundante em pontas de seta de sílex, exclusivamente de base côncava, indicam ritual funerário na câmara e em torno da entrada do monumento, tanto no seu exterior (átrio) como em corredor intratumular. Este espólio evidencia afinidades (contactos) trans-regionais com o Baixo Tejo, o Alto Alentejo e o Centro e Interior-Norte de Portugal, o que reforça a posição charneira deste território, na interface nodal entre uma rota fluvial, corporizada pelo rio Tejo, que ligaria a Estremadura à Meseta, e uma rota continental de orientação Norte-Sul, entre o planalto beirão e o Alentejo.

NOTAS

- * Associação de Estudos do Alto Tejo, (www.altotejo.org) e Plataforma de Estudos Arqueológicos do Médio Tejo.
- ** Universidade Aberta e Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).
- ¹ Tema apresentado na 2.ª Reunião de Pré-História do Tejo Internacional, em Maio de 2009, em Romangordo (Cáceres).
- ² A tradução para inglês é de Karen Benett.

BIBLIOGRAFIA

- BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo de; BARROSO BERMEJO, Rosa; ALDECOA QUINTANA, Amparo; CASADO, Ana B. (2000) - Dólmenes en Alcántara (Cáceres). un proyecto de consolidación e información arqueológica en las comarcas extremeñas del Tajo. Balance de las campañas de 1997 y 1998. *Extremadura Arqueológica*. Mérida. 8, pp. 129-168.
- BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BARROSO BERMEJO, Rosa; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo de (2004) - Construcciones megalíticas avanzadas de la cuenca interior del Tajo. El núcleo cacereño. *Spal*. Sevilla. 13, pp. 83-112.
- BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BARROSO BERMEJO, Rosa; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo de (2008) - The necropolis of Era de La Laguna, Santiago de Alcántara, Cáceres, in the context of the Megalithism of the Central Region of the International Tagus. In BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BARROSO BERMEJO, Rosa; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo de - *Graphical markers and megalith builders in the International Tagus, Iberian Peninsula*. Oxford: Archaeopress, pp. 41-59.
- BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BARROSO BERMEJO, Rosa; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo de; CARRERA RAMÍREZ, Fernando (2006) - Megalitos y marcadores gráficos en el Tajo Internacional: Santiago de Alcántara (Cáceres). Santiago de Alcántara: Ayuntamiento.
- CAMPANO LORENZO, Alberto; RODRIGUEZ MARCOS, José Antonio; SANZ MÍNGUEZ, Carlos (1985) - Apuntes para una primera valoración de la explotación y comercio de la variscita en la Meseta Norte. *Anuario del Instituto de Estudios Zamoranos "Florián de Ocampo"*. Zamora, pp. 13-22.
- CANINAS, João Carlos; HENRIQUES, Francisco (1994) - Um Conjunto de Placas de Xisto Gravadas do Nordeste Alentejano. *Ibn Maruan*. 4, Marvão, pp. 147-156.
- CANINAS, João Carlos; HENRIQUES, Francisco; GOUVEIA, Jorge (2004) - Arqueologia da Região de Fratel. Um olhar entre a Pré-História e os Tempos Modernos. In *Itinerários por Terras da Açafa*. Vila Velha de Ródão: Associação de Estudos do Alto Tejo.
- CARDOSO, João Luís (2008a) - The megalithic tombs of southern Beira Interior, Portugal: recent contributions. In BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BARROSO BERMEJO, Rosa; BALBÍN-BERHMANN, Rodrigo de, eds. - *Graphical markers and megalith builders in the International Tagus, Iberian Peninsula*. Oxford: Archaeopress, pp. 103-115.
- CARDOSO, João Luís (2008b) - O. da Veiga Ferreira (1917-1997): sua vida e obra científica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 16, pp. 13-123.
- CARDOSO, João Luís; CANINAS, João Carlos; HENRIQUES, Francisco (2003) - Investigações recentes do megalitismo funerário na região do Tejo Internacional (Idanha-a-Nova). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 21, pp. 151-207.
- CARDOSO, João Luís; CANINAS, João Carlos; HENRIQUES, Francisco (1997) - A anta 2 do Couto da Espanhola (Rosmaninhal, Idanha-a-Nova). *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 5, pp. 9-28.
- CARDOSO, João Luís; GOMES, Mário Varela; CANINAS, João Carlos; HENRIQUES, Francisco (1995) - O menir de Cegonhas (Idanha-a-Nova). *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 3, pp. 5-17.
- CARDOSO, João Luís; SILVA, Carlos Tavares da; CANINAS, João Carlos; HENRIQUES, Francisco (1998) - A ocupação neolítica do Cabeço da Velha (Vila Velha de Ródão). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. 3-4, pp. 61-81.
- CARVALHO, Nuno; CUNHA, Pedro P.; MARTINS, António A.; TAVARES, Alexandre (2006) - Caracterização geológica e geomorfológica de Vila Velha de Ródão. Contribuição para o ordenamento e sustentabilidade municipal. *Açafa*. Vila Velha de Ródão. 7.
- CRUZ, Domingos de Jesus da (2001) - *O Alto Paiva: megalitismo, diversidade tumular e práticas rituais durante a Pré-História Recente*. Dissertação de doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- CUNHA, Ana Leite da; CARDOSO, João Luís (2002-2003) - A anta do Penedo Gordo (Belver, Gavião). *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 10-11, pp. 31-53.
- CUNHA, Pedro P. (1992) - *Estratigrafia e sedimentologia dos depósitos do Cretácico Superior e Terciário de Portugal Central, a leste de Coimbra*. Dissertação de Doutoramento em Ciências, na Universidade de Coimbra.
- CUNHA, Pedro P. (1996) - Unidades litostratigráficas do Terciário da Beira Baixa (Portugal). *Comunicação do Instituto Geológico e Mineiro*. Lisboa. 82, pp. 87-130.
- CUNHA, Pedro P.; MARTINS, António A.; DAVEAU, Suzanne; FRIEND, Peter F. (2005) - Tectonic control of the Tejo river fluvial incision during the late Cenozoic, in Ródão - central Portugal (Atlantic Iberian border). *Geomorphology*. Amsterdam. 64, pp. 271-298.
- CUNHA, Pedro P.; MARTINS, António A.; HUOT, Sebastien; MURRAY, Andrew; RAPOSO, Luís (2008) - Dating the Tejo River lower terraces in the Ródão area (Portugal) to assess the role of tectonics and uplift. *Geomorphology*. Amsterdam. 102, pp. 43-54.

- DOMÍNGUEZ BELLA, Salvador; CALADO, David; CARDOSO, João Luís; CLOP, X.; TARRIÑO, A. (2004) - Raw materials in the Neolithic-Aeneolithic of the Iberian Peninsula. *Slovak Geological Magazine*. Bratislav. 10:1-2, pp. 17-42.
- DOMÍNGUEZ BELLA, Salvador; PÉREZ RODRÍGUEZ, Manuela; RAMOS MUÑOZ, José; MORATA CÉSPEDES, Diego; CASTAÑEDA FERNÁNDEZ, Vicente (2002) - Raw materials, source areas and technological relationships between minerals, rocks and prehistoric non-flint stone tools from the Atlantic band, Cádiz province, SSW Spain. In BIRÓ, Katalin T., ed. - *Archaeometry 98. Proceedings of the 31st International Symposium on Archaeometry, 1998, Budapest (Hungary)*. Oxford: Archaeopress, pp. 723-728.
- HENRIQUES, Francisco; CANINAS, João Carlos (2004) - O megalitismo da Região de Castelo Branco na obra de Francisco Tavares de Proença Júnior e trabalhos posteriores. In *Catálogo da Exposição "Arqueologia: coleções de Francisco Tavares de Proença Júnior"*. Castelo Branco: Instituto Português de Museus; Museu de Francisco Tavares de Proença Jr., pp. 28-35.
- HENRIQUES, Francisco; CANINAS, João Carlos; BATISTA, Joaquim (1986) - Carta Arqueológica do Concelho (Vila Velha de Ródão). *Informação Arqueológica*. Lisboa. 6 (1984), pp. 9-22.
- HENRIQUES, Francisco; CANINAS, João Carlos; CARDOSO, João Luís (1999) - Arqueologia no Alto Tejo. Balanço de 30 anos de investigação. *História*. Lisboa. 3.ª série. 18, pp. 68-74.
- HENRIQUES, Francisco; CANINAS, João Carlos; CHAMBINO, Mário (1993) - *Carta Arqueológica do Tejo Internacional, vol. 3 (Idanha-a-Nova)*. Vila Velha de Ródão: Associação de Estudos do Alto Tejo.
- HENRIQUES, Francisco; CANINAS, João Carlos; CHAMBINO, Mário (2008) - Carta Arqueológica de Vila Velha de Ródão - uma leitura actualizada dos dados da Pré-História Recente. In BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BARROSO BERMEJO, Rosa; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo de - *Graphical markers and megalith builders in the International Tagus, Iberian Peninsula*. Oxford: Archaeopress, pp. 79-88.
- ISIDORO, Agostinho Farinha (1970) - *Escavações em Dólmenes do Concelho do Crato (Alto Alentejo) - III*. Porto: Instituto de Antropologia "Dr. Mendes Corrêa".
- ISIDORO, Agostinho Farinha (1971) - *Escavações em Dólmenes do Concelho do Crato (Alto Alentejo) - IV. Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 22:1, pp. 41-56.
- LEISNER, Georg; LEISNER, Vera (1951) - *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura.
- LEISNER, Georg; LEISNER, Vera (1959) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter & Co.
- MEIRELES, Carlos; FERREIRA, Narciso; REIS, Maria de Lourdes (1987) - Variscite occurrence in Silurian formations from northern Portugal. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 75:1-2, pp. 21-27.
- NOCETE, Francisco (2001) - *Tercer milenio antes de nuestra era. Relaciones y contradicciones centro/periferia en el valle del Guadalquivir*. Barcelona: Bellaterra.
- OLIVEIRA, Jorge de (1998) - *Monumentos megalíticos da bacia hidrográfica do rio Sever*. Lisboa. Colibri, 1.
- OLIVEIRA, Jorge de (1999-2000) - A Anta II de S. Gens (Nisa). *Ibn Marwan*. Marvão. 9-10, pp. 181-238.
- OLIVEIRA, Jorge de (2000) - Reflexiones sobre el conjunto megalítico de Cedillo. *Extremadura Arqueológica*. Mérida. 8, pp. 169-186.
- PEREIRA, Félix Alves (1933) - A Pedra d'Anta ou um monumento megalítico na Beira-Baixa. *O Archeologo Português*. Lisboa. 29, pp. 49-75.
- PROENÇA JÚNIOR, Francisco Tavares de (1909) - *A Anta da Urgueira*. Leiria: Typographia Leiriense.
- RODRIGUES, Maria da Conceição Monteiro (1975) - *Carta arqueológica do Concelho de Castelo de Vide*. Lisboa: Junta Distrital de Portalegre.
- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, Marisa (2000) - El conjunto dolménico de la Dehesa Boyal de Montehermoso. *Extremadura Arqueológica*. Mérida. 8, pp. 187-207.
- SILVA, Fernando Augusto Pereira da (1991) - *Mamoa da Charneca das Canas*. Vila Velha de Ródão: Câmara Municipal.
- SOARES, Joaquina (1988) - O povoado da Charneca de Fratel e o Neolítico Final/Calcolítico da Região Ródão/Nisa: notícia preliminar. *Alto Tejo*. Vila Velha de Ródão. 2, pp. 3-6.
- VEIGA, Sebastião Estácio da (1887) - *Antiguidades Monumentais do Algarve, Tempos Prehistoricos*. Vol. II, Lisboa: Imprensa Nacional.
- VILAÇA, Raquel (2008) - *Através das Beiras*. Coimbra: Palimage.
- VV AA (2005) - *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Lisboa: Temas e Debates.